

EVY MACIEL DANE DIAZ MARI STANO SÉRGIO FRAGOSO
BIANCA JUNG DAYA ALVES VÂNIA LARA NAYLANE SARTOR

ANTOLOGIA

Momentos Inesquecíveis



ORGANIZAÇÃO
Naylane Sartor

EL



PERIGOSAS NACIONAIS

EVY MACIEL DANE DIAZ MARI STANO SÉRGIO FRAGOSO

BIANCA JUNG DAYA ALVES VÂNIA LARA NAYLANE SARTOR

ANTOLOGIA

Momentos Inesquecíveis

ORGANIZAÇÃO

Naylane Sartor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 by
Antologia Momentos Inesquecíveis Copyright © 2019 by
Bianca Jung; Dane Diaz; Daya Alves; Evy Maciel;
Marina Stano de Macedo; Naylane Sartor; Sergio
Fragoso; Vânia Lara; Editora Essência Literária.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação,
no todo em partes, constitui violação de direitos
autorais (Lei 9.160/98).

Editores: Daiane Azevedo e Danusia de Paula

Organizador: Naylane Sartor

Revisão: Naylane Sartor

Capa: Saori Antonioli

Almeida Diagramação:

Thati Machado

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação**

(CIP)

J95a Jung, Bianca, Dane Diaz; Daya Alves; Evy
Maciel; Marina Stano de Macedo; Naylane

Sartor; Sergio
Fragoso; Vânia Lara.
Antologia Momentos Inesquecíveis /
Bianca Jung... [et al.]. Serra/ES, Essência
Literária, 2019, 1ª ed.
148p. ; 21cm.

ISBN: 978-85-92914-07-3

1.Literatura Brasileira. 2. Conto. 3.
Antologia 1.Título

CDD: B869

²CDU: 821.134.3(81) / 82-
3 / 82-8

Tinta Azul,
Milkshake
e Rose May

BIANCA JUNG

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Bianca Jung tem 22 anos e é estudante de jornalismo. Nasceu no Rio Grande do Sul e hoje mora em Florianópolis, próxima de uma das suas coisas favoritas da vida: O mar! Quando não está escrevendo, você pode encontrá-la perdida em livros sobre romance fantástico, assistindo séries na netflix, ou simplesmente abraçando seus cachorros, Popi e Marley. Bianca Jung está escrevendo seu primeiro romance, Desordem.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“Ai, não ... Não! De novo não...” — pensou Charlie enquanto

segurava o garfo cheio de macarrão a centímetros da boca. O garoto parou de comer seu delicioso ravióli no meio da garfada porque, a duas mesas de distância, Rose May, sua amiga desde o jardim de infância, começara tamborilar os dedos na bochecha. Aquele era o sinal. Um sinal tão claro para Charlie como um dia ensolarado de verão fazendo 40°C. Rose May iria fugir mais uma vez. Iria fugir de mais um encontro!

Esse já era o terceiro em menos de um mês, e seria mais um que ela fugiria de alguma forma inesperada. Na verdade, Charlie já estava acostumado com isso. Desde que ele lembra, sempre fora assim. A situação começou quando os dois tinham completado 15 anos.

Ben, o garoto loiro que só usava camiseta polo e que fazia Charlie pensar em piadas ruins havia chamado Rose May para tomar sorvete. Rose aceitou. Na mesma noite

ela bateu na janela do quarto de Charlie com folhas de outono presas em seus cachos ruivos.

Esse fora o primeiro encontro em que Rose May havia fugido. Desde então, completados 21 anos, Rose já havia deixado uma grande parcela de caras sozinhos em seus encontros, sem entender o porquê do sumiço da garota.

“Ah, ele não era o cara certo *Charly!*” Era sempre a mesma desculpa. Era sempre a mesma frase. Era sempre a mesma fuga. Nos últimos anos, Charlie começou a ser *obrigado* como “*melhor amigo para a vida toda*” a ir nesses encontros, escondido, de longe.

“Você é meu melhor amigo pra vida toda, preciso da sua ajuda se eu quiser fugir! Você me ajuda né?”

E lá estava Charlie, em mais um encontro, em mais um restaurante.

Pelo menos o ravióli daquele lugar era gostoso.

De forma escandalosa, Rose May gargalhou de alguma coisa que o garoto à sua frente disse, e como se não aguentasse de tanta graça, virou seu olhar suplicante a Charlie, transmitindo a frase “*Eu vou meter o pé daqui!*”.

“Com certeza essa seria uma frase de Rose May.” Charlie quase riu com o pensamento.

— Oh, querido! Você é tãããããão engraçado! — Rose, com seu sorriso largo e dentes brilhantes, falou dando uma ênfase exagerada na situação. — Ri tanto que até me deu dor de barriga, acredita?! — O garoto que bebia água cuspiu todo o líquido de volta no copo ao ouvir a última frase. — Mas você pode ficar tranquilo, porque graças ao bom Deus, restaurantes tem banheiro, e de graça! Não é incrível? Eu acho in-crí-vel!! — Enquanto falava pausadamente cada sílaba da palavra, Rose May agia como uma fugitiva, pegando a bolsa a tiracolo de cima da mesa, e saindo aos

tropeços com seu salto rosa pink.

— Então eu vou ali — Rose apontou com o dedão para o banheiro — Dar uma resolvida nisso aqui! — Agora, apontando para a barriga. No final soltou sua risada escandalosa, encerrando o assunto sem ao menos deixar o garoto entender a situação.

Ao passar pela mesa de Charlie, Rose arregalou seus olhos para o amigo indicando que esse era o momento da fuga. Ela seguiu direto para o banheiro e Charlie deu uma última garfada antes de tirar o valor do prato da carteira e deixá-lo em cima da mesa.

Seguiu para fora do restaurante, e correu para dar a volta até onde supostamente ficaria a janela do banheiro feminino.

— Charlie... Temos um problema. — Rose May falou com a cabeça para fora da janela. — Acho que a minha bunda não

vai passar por isso aqui. — Esticou os braços para fora de forma dramática.

— Não era o cara certo? — perguntou ele encostado no capô de seu carro estacionado próximo à parede.

— Nenhum pouquinho. E a dor de barriga era real. — Rose começou a rir da situação. — Agora vaaaaaamos Charly. Ajude sua amiga a sair desse banheiro, ele é muito limpo para o meu gosto, algo não está certo...— Ela espremeu os olhos em desconfiança.

Charlie parou por um segundo para analisar a garota ruiva, de cachos curtos batendo em seu queixo. Rose May era fabulosa. Nunca usava essa palavra para descrever algo ou alguém. Mas Rose era.

Ele começou a perceber no último verão que sua respiração falhava perto de Rose. Que suas mãos suavam sem motivo toda vez que a garota gargalhava perto do seu rosto, ou quando sentia o cheiro do perfume que ela passava pela manhã antes de ir para a faculdade de belas artes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Percebeu como seu coração apertava sempre que a amiga contava sobre mais um encontro que ela havia marcado, e como se tornou dependente, de uma maneira diferente, da presença dela na sua vida. Rose May era fabulosa.

Mas, Rose May era sua melhor amiga para a vida toda. E Charlie era somente... O *Charly*.

— Rose, você é uma... Como é mesmo? Ah, você é uma *heartbreaker* inescrupulosa, sabia? - Charlie falou levantando a sobrancelha esquerda.

— Oh meu Deus! Charly, esses pobres garotos que foram abandonados em um encontro! — Rose May encostou o queixo em seu braço teatralmente e fechou os olhos. — Eu sou uma mulher perversa! Destruí o amor verdadeiro que eles

PERIGOSAS ACHERON

nutriam por mim?! — Abriu um olho esperando pela resposta de Charly.

— Venha! Está ficando tarde, e eu não consegui terminar meu prato de ravióli! Vamos passar no *Tio Joel's*. — Charlie chegou mais perto da janela que ficava poucos centímetros acima de sua cabeça. Virou-se de costas e esperou a amiga posicionar-se nelas, agarrando-se ao amigo.

O contato da pele dos dois fez Charlie sentir um arrepio que percorreu todo o seu corpo. Rose May era tão quente, mesmo com o início do inverno, ele sentia-se aquecido por inteiro.

Os dois não falaram nada. Charlie levou Rose até o carro estacionado e baixou-se com delicadeza para que ela pudesse pousar seus pés no chão. O silêncio daquela noite era tão gritante na cabeça dele que por um segundo, ficou com medo de virar-se e encarar novamente a garota de olhos castanhos.

Os mesmos olhos castanhos que um dia derrubaram tinta azul por toda a roupa de

Charlie no jardim de infância. Rose May riu como se fosse à coisa mais engraçada do mundo. A pequena, na época, sentou-se ao seu lado e disse que os dois seriam amigos a partir daquele incidente.

— Eu acho que preciso de um milkshake do Tio Joel's para curar minha dor. — Rose May quebrou o silêncio.

— Dor? Pelo encontro? — Charlie virou-se incrédulo.

— Oh, por Deus Charlie... Não! Por usar esses saltos desconfortáveis. Eu não sei por que continuo tentando ser a garota que usa saltos. — Rose falou aquilo enquanto retirava os sapatos e pisava no chão frio, descalça. — Muito melhor! — Ela saltitava de alegria e prazer pela liberdade.

— Sim *Bambi*, eu também preciso de um milkshake! — Os dois gargalharam enquanto entravam no carro.

O caminho até a hamburgueria do *Tio Joel's* era tão conhecido como as linhas da palma da mão de Rose e Charlie. Passavam quase todos os dias pelo local, para experimentar alguma delícia nada saudável, ou simplesmente para dizer oi ao tio de Charlie, Joels.

Durante o caminho, tão escuro que somente os faróis revelavam o que estava por vir, Rose ligou o rádio.

— *Kiss me out of the bearded barly. Nightly... beside the green, green grass!!* — Rose começou a cantar mais alto que os vocais da banda *Sixpence None The Richer*. Uma de suas favoritas. Charlie deduziu aquilo porque, de dez vezes que ela ligava o rádio, nove eram para escutar alguma música do grupo.

— *Swing swing. Swing the spinning step. You wear those shoes and. I will wear that dress!!* — Agora era a voz grossa e totalmente desafinada de Charlie que batalhava contra a música original.

— *Oh, ohh! Kiss me!* — Nesse momento,

enquanto Rose cantava *Kiss Me* o mais alto que podia, o coração de Charlie decidiu bater loucamente e roubar o pouco do ar que já lhe faltava. O garoto sabia que a cada dia ficava mais e mais difícil esconder os sentimentos que afloravam dentro de si.

Olhou com um sorriso bobo para Rose enquanto ela cantava com os olhos fechados. Precisava manter o foco na estrada, mas aquela energia que Rose May emanava era tão magnética que Charlie não conseguia ficar dois segundos sem observar de novo. E de novo. E de novo.

A boca dela nunca fora tão vermelha aos olhos dele. E agora, tudo o que ele via era aquilo.

Charlie queria beijar Rose mais que tudo.

O telefone da garota tocou por um segundo. A cantoria que antes inundava o carro, agora era somente através da voz de *Leigh Nash*. Os olhos de Rose liam alguma mensagem que acabara de receber.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

— Charlie, *benzinho*, amanhã você terá mais uma missão! — Rose olhou para o garoto ao seu lado, guardando o celular de volta na bolsa. — Laura acabou de me mandar uma mensagem, parece que eu tenho um encontro amanhã! Não é o máximo?

— Rose abraçou as pernas.

Desde o último verão, cada encontro que Rose marcava, era como um soco bem no meio do estômago de Charlie. Por Deus, ele não tinha o direito de querer sentir ciúmes da amiga. Não quando sempre fora assim. Os dois, como melhores amigos para a vida toda. Charlie ajudando Rose May a ir nesses encontros e fugir quando fosse necessário. Porque sempre fora assim. Nada mais que isso. Sempre. Assim.

Mas as coisas estavam diferentes. Charlie estava diferente. Rose estava diferente. A amizade estava diferente. Os sentimentos estavam diferentes. Tudo era diferente. E escutar aquilo, enquanto tudo o que Charlie pensava era na boca vermelha e de lábios

grossos que ela tinha. Enquanto tudo o que pensava era em beijar Rose May ali mesmo, no meio do nada.

Escutar aquela frase destruiu os últimos tijolos da parede que existia dentro de Charlie, separando amizade de amor.

Charlie explodiu.

— Não Rose! É terrível na verdade! — O garoto parou o carro como se tentasse desviar de um acidente catastrófico.

— Por Deus, Charlie... — Rose suspirou olhando para o garoto sem entender o que acontecia.

Charlie olhava para a escuridão à sua frente. Ali, rodeado por campos de soja e milho, só tentava encontrar as palavras certas para resolver uma situação que parecia tão errada.

— Eu só... Não quero que você se machuque. — Mentiu o garoto, tentando achar qualquer desculpa plausível que escondesse a bagunça que eram seus sentimentos.

Rose May não respondeu. O que deixou Charlie ainda mais nervoso pela situação. Ele não tinha coragem de olhar para o lado e encarar a verdade. Encarar o quanto estava completamente apaixonado pela melhor amiga.

Quando enfim forçou todos os ossos, músculos e pele do seu corpo a virarem para a garota, encontrou Rose May em meio a uma gargalhada silenciosa.

A garota ria de alguma piada muito boa. Algo que somente ela poderia saber ou compartilhar.

— Eu... Não... Consigo... — A frase era dita em meio às gargalhadas de Rose. — Isso só pode ser piada né? — Ela limpava a lágrima que escorria do canto de seu olho esquerdo.

— Você tá rindo? — Charlie perguntou afundando de alívio no banco.

— Você quase conseguiu me pegar nessa sua brincadeira... Mas são anos de prática, e muitas idas a encontros. Você nunca se preocupou antes! E para finalizar essa conversa,

eu tenho esses cabelos gloriosamente ruivos, sei muito bem como usá-los para hipnotizar qualquer homenzinho desavergonhado.

— Rose. — A voz de Charlie nunca fora tão carinhosa ao chamar o nome dela. — O que eu tento dizer é que, bom... Somos amigos há quantos anos? — Charlie analisava os dedos com uma atenção profunda. — E bem, o que eu quero dizer é que, eu me importo Rose. Eu me importo com você, e... — Charlie não conseguiu terminar a frase.

Rose havia se inclinado para frente, o corpo tão próximo do amigo que o cheiro do shampoo de baunilha da garota agora entrava para a lista de coisas favoritas de Charlie. Ele levantou os olhos e encontrou o sorriso mais doce que já pudera ver em alguém. E havia visto aquele sorriso tantas vezes. Mas nunca daquela forma, nunca estando completamente apaixonado.

— Charlie, eu também me importo demais com você...

— Você... Você se importa? — Ele começou, delicadamente a inclinar-se para a garota. Rose pousou suas mãos, com dedos longos, no rosto do amigo.

— É claro que eu me importo *benzinho*, somos amigos para a vida toda não é mesmo? Melhores amigos! E nada, nem ninguém vai conseguir mudar isso! — Os olhos de Rose brilharam com uma força que Charlie jamais havia visto, uma lágrima de felicidade escorreu pela bochecha da garota.

Ouvir aquilo, apagou qualquer chama de esperança que Charlie pudesse estar mantendo naquele pequeno carro. Com os rostos tão próximos, com os corpos tão perto.

Charlie limpou a lágrima da garota com a ponta dos dedos. Por fim, deu o melhor sorriso que podia e engoliu qualquer declaração absurda mantida em sua língua. Girou as chaves do carro e correu pelos últimos quilômetros até a casa de Rose May.

O jardim cheio de margaridas, tão bem

cuidadas pela Mãe de Rose, combinavam quase de forma orquestrada com as paredes brancas de madeira e as janelas amarelas. Rose desceu do carro e antes de seguir, girou com seu indicador apontado para Charlie.

— Amanhã. Você. Eu. Um garoto aí.
Encontro. Tio Joel's.

Fechado?

— Desculpe Rose. — Charlie segurou o volante com mais força. — Mas... Eu acho que talvez seja melhor que você vá a estes encontros sozinha. — Ele virou o rosto e sorriu. — Afinal, esse seu cabelo ruivo glorioso... Oh, ele destrói qualquer cara!

Rose baixou a mão e repousou ao lado do seu quadril. O rosto antes radiante, agora estava apático.

— Charlie... Primeiro. Somente eu posso falar do meu cabelo glorioso. E segundo. Eu... Eu preciso de você amanhã.

Comigo. — A garota chegou mais perto da janela do passageiro.

— Não. Você não precisa. — Charlie dizia aquilo para ela, mas dizia também para ele mesmo. Como um lembrete. Sentia-se quase como um maldito masoquista naquele momento.

— Charlie... — A garota começou a suplicar novamente, mas antes que ela pudesse fazer com que o garoto repensa-se sua última frase, despejou o que jamais imaginaria despejar sobre ela.

— Eu só to cansado dessas brincadeiras. Acho que você deveria parar com isso também. Esses encontros, essas fugas... Você não tem mais quinze anos Rose! Você precisa crescer e entender que as pessoas têm sentimentos. Quer dizer... Você por acaso tem algum?

O choque por ter realmente dito tudo aquilo. Por ter percebido o quão ridículo e cruel ele havia sido com sua melhor amiga. O choque por perceber que nada daquilo era verdade, mas somente seu ciúmes gritando palavras toscas e

sem sentido. O choque fez Charlie olhar desesperadamente para Rose May e encontrar somente gelo. Um gelo tão profundo que só podia ser descrito de uma forma: Mágoa.

Rose May girou e correu para dentro de sua casa. Charlie gritou consigo mesmo.

Rose May dormiu aquela noite com lágrimas em seu travesseiro.

Charlie nem dormiu.

Mas já era um novo dia. E Rose May teria mais um encontro.

“Você é um completo e gigantesco idiota”, pensou Charlie enquanto escorava as mãos na pia gelada e olhava para o seu reflexo no espelho. O cabelo preto como petróleo estava uma

tremenda bagunça, fios rebeldes caíam em sua testa lembrando-o da noite mal dormida.

“Você é um completo e gigantesco covarde”, repetiu diversas vezes enquanto seus olhos azuis brilhavam o medo de perder sua melhor amiga.

Ontem, Charlie tivera tantas oportunidades de vomitar as frases bregas que ele havia imaginado durante meses. Ele a sentiu tão próxima. E se, já não fosse um fracasso nessas *coisas* de sentimentos, envolver Rose nesse fracasso era duplamente pior.

Bufou enquanto jogava água gelada em seu rosto.

Passava das 7 da noite. O tique-taque do relógio em cima de sua cabeceira lembrava-o dos minutos que estava perdendo. Porque estar longe de Rose, isso definitivamente era uma perda de tempo.

Olhou novamente para o espelho, e como se uma coragem súbita tivesse invadido todo o seu ser, arregalou os olhos e disse.

— Droga! Eu to completamente apaixonado

PERIGOSAS ACHERON

por ela!

Saiu tropeçando nos sapatos gastos e puxou a primeira camiseta que viu na cadeira. Não podia esperar mais um segundo antes de gritar aos quatro ventos o quanto era louco por aqueles cachos ruivos, e aquelas sardas que pintavam o rosto de Rose.

Acelerou o máximo que pode, pensou que as multas poderiam ser pagas depois.

O letreiro brilhante, escrito “O melhor hambúrguer da cidade” lembrou-o de todos os momentos que os dois discutiram por filmes ruins, e teorias da conspiração que ninguém, além deles, acreditava. Estacionou o carro de qualquer jeito e pulou para fora correndo. O choque contra a

porta vermelha da entrada quase fez Charlie cair no chão encerado do estabelecimento.

Quando levantou o olhar, viu Rose sentada na última mesa, ainda sozinha. Charlie abriu o maior sorriso que podia, mas seus pés não obedeceram seu comando. Totalmente petrificado pelo que iria fazer, Charlie continuou observando Rose bebendo um grande milkshake de morango. Ela parecia estar entediada enquanto girava o canudo rosa pelo copo. Usava os cachos presos por presilhas e nas orelhas, argolas douradas.

— Charlie! — gritou seu tio do outro lado da bancada.

Nesse momento, o olhar de Rose procurou avidamente pelo garoto. Sabia que ela procurava por ele. E encontrou. Os olhares se conectaram, daquela forma surreal que somente melhores amigos conseguem ter.

Charlie acenou para Joels, mas continuou seguindo na direção da garota, que por sua vez levantou-se de ímpeto da mesa. Quando estava a

alguns passos, parou.

— Eu... Eu precisava te contar algo. Será que... Hm. Eu poderia te roubar um pouco do seu encontro? — perguntou Charlie, gaguejando.

— Meu *date* cancelou comigo ontem. Pode falar benzinho... — Ela aproximou-se do garoto, toda sua atenção voltada para ele. O vestido azul que usava, desenhava perfeitamente suas curvas. O quadril mais largo, as longas pernas, a postura de uma rainha.

Rose era tão fabulosa.

— Rose May. Eu não quero que você tenha outros encontros. — disparou olhando fundo nos olhos castanhos da garota. — Eu quero que você tenha um único encontro, e quero que seja comigo. E eu imploro, por favor, não fuja dele. Sabe... Eu conheço seus truques. — Charlie abriu um sorriso

nervoso, tentando fazer graça da situação mais aterrorizante de sua vida.

Os olhos de Rose May demonstraram toda a surpresa que a garota poderia ter na vida, sua boca abriu levemente e arfou, o peito subia e descia freneticamente.

— É que... Droga, Rose May! Você me físgou entende? Você é completamente fabulosa, e eu nunca usei essa palavra na vida *benzinho*... — O garoto começou a se aproximar da menina lentamente, como se esperando por um alerta, por uma negação dela. Nada aconteceu. Rose continuava no mesmo local, olhando fundo nos olhos do garoto.

— Seu idiota! — A garota berrou contra o rosto de Charlie.

— Seu completo idiota!

Rose avançou os últimos centímetros que afastavam os corpos dos dois e disparou.

— Você realmente não entende, não é mesmo? Todos esses anos, todos esses encontros. Ninguém *era o cara certo* porque,

Charlie, por Deus, eu sou completamente apaixonada por você desde o jardim de infância! — O coração de Charlie, por um minuto, parou. — E mesmo tentando, mesmo implorando para que eu pudesse me apaixonar por qualquer outro cara, sempre entrava em pânico quando percebia que nenhum deles era você!

— Rose cutucou o peito de Charlie com tanta força que fez o garoto dar um passo para trás.

— E *o cara* que cancelou comigo ontem, era você seu imbecil! Eu te chamei para esse encontro porque esperava poder confessar tudo, esperava poder, depois de todos esses anos, finalmente te contar que aquela tinta azul não caiu *sem querer* na sua roupa. — Rose olhou para o chão, e pela primeira vez, desde que conheceu a garota, percebeu suas bochechas corarem.

E, como se ninguém mais estivesse naquela lanchonete, Charlie levantou a mão e tocou os fios ruivos que caíam pelo rosto de Rose. De forma delicada, com medo que ela desaparecesse em névoa de sua imaginação. Rose levantou o olhar e ficou em silêncio, respirando profundamente, absorvendo cada segundo a sua frente.

O garoto percorreu com a ponta dos dedos as bochechas dela, contando cada sarda avermelhada. Seguiu a pele próxima aos lábios de Rose e por um segundo imaginou como seria tocar a maciez daquela boca. Desceu pelos ombros, seguiu pelo braço e por fim segurou a mão de Rose, entrelaçando os dedos. Levantou a palma da mão dos dois e começou a sorrir. De todas as probabilidades que podiam acontecer naquela noite, de todas as cenas que foram criadas em sua mente, Charlie nunca imaginou que sua melhor amiga para a vida toda, iria estar apaixonada por ele.

— Espera... Quero que você escute algo.

Charlie tirou do bolso seu celular e os fones de ouvido. Procurou por algo, e quando deu um fone para Rose colocar em seu ouvido, encaixou o outro lado no seu. Engoliu seu último resquício de insegurança e apertou o play.

“*Kiss me*” da banda Sixpence None The Richer começou a tocar. Rose levantou o olhar para o teto e começou a gargalhar.

— Então era dessa forma que você imaginava me conquistar? — Olhou de volta para Charlie e levantou uma sobrancelha acusatória. — Jogo baixo Charlie...

Rose se aproximou tanto de Charlie naquele momento, que os dois podiam respirar o mesmo ar. A garota colocou seus braços ao redor da cintura do melhor amigo, e começou a dançar ali mesmo, sem se importar com os olhares voltados para os dois. Com as mãos em concha, Charlie segurou o rosto de Rose e depositou um beijo delicado nos lábios da garota.

Completamente diferente da selvageria que bombeava o seu coração.

— Eu te amo Rose. — Charlie falou baixinho, próximo aos lábios da garota. — Obrigado por estar aqui, e por ter derrubado tinta azul em mim.

Não importava se os dois estavam tendo seu primeiro beijo na lanchonete do Tio Joel's.

Não importava se fizeram as maiores confissões de suas vidas em meio à milkshakes e porções de batata-frita.

Aquele momento era especial, e seria inesquecível para sempre.

Porque era
Rose. Porque
era Charlie.

Porque era Rose e Charlie, juntos. Dois melhores amigos para a vida toda, completamente apaixonados.

*I love
you*

DANE DIAZ

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON



Administradora e funcionária pública no Brasil por mais de uma década, Dane Diaz escreveu os textos mais chatos: os editais. Agora tenta a redenção ao produzir outras coisas, como o livro em espanhol *Todas Las Formas de Amar*, finalista no concurso Soy Talento e o conto *Fechado para o amor*, vencedor do desafio Microchave, ambos no Sweek.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro a porta de casa e enfio o nariz na rua para receber os

pingos pesados. Assim como os da semana passada, no dia em que ele me deu uma carona por causa da chuva torrencial. Ou porque queria alguma desculpa para se aproximar de mim. Eu não sei. Depois do que aconteceu entre nós eu deixei o telefone desligado.

Ninguém entende que é uma prisão, porque não conseguem nem saber que estão dentro de uma. Mas eu sei. Como o rosto que coloquei sob a chuva, eu espiei do lado de fora e vi um lugar incrível. Culpo-o por ter me mostrado. Preferia não conhecer e viver supostamente feliz dentro de mim mesma e do meu pequeno circuito de desprazeres apaziguados por surpresas que surgem inesperadamente, como uma permissão de visita ao pátio na cadeia.

Não que uma ligação dele não fosse tudo o que eu mais quisesse. Com certeza ainda é, mas tive tanto medo de que ela não acontecesse,

PERIGOSAS ACHERON

de que o meu coração e meu celular não vibrassem, que escolhi não saber.

Foi uma decisão difícil. Eu analisei todas as possibilidades antes de apertar o botão definitivamente, mas me parecia pouco provável que a melhor hipótese acontecesse. Perguntei-me mil vezes, “Catarina, e se você soubesse que esse homem é o amor da sua vida, você perderia essa chance por medo de se machucar?”. Não soube responder a mim mesma e acabei voltando para a minha cela, mas penso nele a cada segundo que vivo desde que senti as suas mãos na minha cintura.

Ele é a nuvem no meu céu, no turno de passear no pátio da prisão. Eu não sei se ela vem acompanhada de outras e carrega uma tempestade ou se vai se abrir e revelar o Sol. E tenho medo de descobrir.

Pego o guarda-chuva pousado sob o concreto, ao lado da porta e descubro que ele apenas pode antecipar o meu banho, porque passou a noite na rua. Ao abri-lo, recebo no rosto a água acumulada dentro dele. É o despertar de que preciso. O frio no rosto para me tirar do torpor em que tenho vivido desde que aceitei estar apaixonada. Aperto os olhos e franzo o nariz, mas a maquiagem que fiz para parecer bonita na aula de hoje já era, tenho certeza.

Começo o trajeto até o portão correndo, mas percebo que não faz diferença, minhas botas já estão ensopadas. O guarda-chuva é só mais um acessório que tenho para carregar, atrapalhando meus movimentos como os livros e a bolsa, porque me proteger da água é uma coisa que ele não faz. Mesmo assim, preciso de algo em que me agarrar, algo que ao menos permita que eu me sinta falsamente protegida nesse temporal que habita o meu coração. Depois dele, não sou mais o que era. O

problema é que ainda preciso ser.

Na parada de ônibus vejo que os meus companheiros de todos os dias estão molhados de cima a baixo. E, como eu, são conhecedores do caos, por isso também saíram mais cedo de casa. Porto Alegre é demais, menos quando chove. Sair da Zona Norte e ir até o Moinhos de Vento em um dia como esse é uma aventura. Ninguém sabe quanto tempo pode levar e se não seremos resgatados pelo teto do ônibus no meio de uma enchente. Novidade seria não encontrar as ruas alagadas. Novidade é eu encontrar o meu coração alagado.

Sento atrás do motorista. A dupla de limpa-vidros que afasta o molhado dos para-brisas com ânsia faz com que recorde de outro veículo, aquele da semana passada. Aquele com perfume de homem e *Again* do *Lenny Kravitz* tocando. Quase perco de descer na estação pensando na mão do Flávio no meu joelho, no beijo suave dado diante do sinal aberto, mas

que não permitia passagem no meio da confusão de carros semimergulhados na água. Acho que até gosto mais de chuva agora. Parece que ela não é ácida como eu imaginava.

Mesmo dez minutos atrasada, fico feliz por conseguir chegar à escola de inglês onde trabalho. Mais contente ainda quando vejo o carro dele no estacionamento de alunos entre a calçada e a porta de entrada. Eu sei que não posso fazer isso. Não devo. Mas já estou fazendo. A qualquer momento posso ser demitida por ter me envolvido com um estudante.

Fico aflita por pensar nas decisões que terei que tomar caso o “nós dois” seja real e contínuo. Ele teria que deixar a escola e todos os olhares trocados por trás dos livros e cadernos acabariam. Flávio poderia até mesmo esquecer-se de mim. Pior ainda eu ter que pedir demissão para poder ficar com ele. Só que nada disso se compara ao arder da minha pele quando penso no nunca mais. Nunca mais a boca dele

na minha.

— Catarina! Você está encharcada.

As palavras me pegam de surpresa logo que jogo o guarda-chuva no balde e empurro a porta de vidro.

Flávio, ao lado da Naiara, a recepcionista, olha para mim como se eu fosse a única criatura molhada na cidade. Ele vai até o banheiro e pega um maço de toalhas de papel e as esfrega em meu rosto, cabelo, pescoço. Suas mãos passeiam por todo o meu corpo e eu fecho os olhos e aspiro o perfume delicioso dele.

— Eu estava preocupado. Você não chegava nunca. Achei que podia ter acontecido alguma coisa — ele sussurra tão perto do meu rosto que sinto o calor da sua boca em minha bochecha.

Abro os olhos e vejo o olhar apertado de Naiara. Ela está tentando entender o que está acontecendo. Eu também. Percebo que ela vai pensar que estamos próximos demais,

preocupados demais um com o outro, então afasto Flávio, colocando as mãos em seu peito. Tenho certeza que senti o coração acelerado, assim como está o meu pelo seu toque.

— É só água e me atrasei menos de dez minutos.

Desvio do seu corpo e tento seguir pelo corredor até a sala de aula, mas Flávio me segura pelo pulso e começa a tirar o meu casaco. Quando ele me oferece o dele, eu olho para a fileira de lâmpadas incandescentes procurando um pouco de paciência. Ele não está entendendo que não quero dar demonstrações de afeto na frente de uma colega que pode me dedurar. Não posso perder esse emprego. Não sou do tipo que estuda em uma escola de inglês do Moinhos de Vento, como ele.

Aceito trocar de casaco com ele e aproveito ao me virar para fazer uma cara feia para Naiara, como se Flávio fosse louco. Ela ri, o que me conforta. Ele me segue até a sala carregando os meus pertences úmidos. Empurro

a porta e abro caminho para que ele passe por mim, mas ele me encara, parecendo tentar ler os meus pensamentos como se fossem palavras em um livro.

— Temos que conversar — ele anuncia entredentes ao ver que eu não vou falar nada e vai até a minha mesa largar as minhas coisas.

Demoro mais tempo para descolar as costas da porta do que deveria e uma aluna pergunta se eu estou bem. Assinto com a cabeça, porque é a única coisa que consigo fazer. Não tenho ideia de como ensinar algo nessa aula, então só me ocorre aplicar um teste pré-pronto.

— Bom dia a todos. Sinto muito pelo atraso, mas a cidade está daquele jeito de sempre em dias de chuva. Preparei um simulado de TOEFL. Trabalharemos as partes de leitura e escrita, o que eu acho que já vai levar a aula toda.

Fico com pena deles quando vejo as expressões de desânimo. Tenho certeza que um simulado não era aquilo pela qual eles estavam esperando em um dia cinza como esse, mas não tenho condições de falar hoje tendo Flávio como plateia depois do que fizemos. Pelo menos não antes de conversarmos, já que ele parece não ter ignorado o acontecido, como eu imaginei que faria.

Sento diante da pequena turma de sete alunos desesperados pela certificação TOEFL, o Teste de Inglês como uma Língua Estrangeira, cada um por seu motivo em especial, e tento me concentrar em corrigir alguns exames de outra turma. Não demoro muito a perceber que é impossível fazer isso com o sorriso de Flávio apontando para mim.

— Presta atenção. — Eu movimento os lábios quase sem emitir som nenhum.

— Não consigo. — Ele me imita e abre um sorriso ainda maior.

Parece que está em mim, seu cheiro me

invade e percebo que é por causa da roupa dele que estou vestindo. Desvio o olhar para forçá-lo a se concentrar e coloco a mão dentro do bolso do casaco. Sinto o frio metálico de um molho de chaves e verifico se ele não está me observando. Flávio baixou a cabeça e agora escreve com determinação.

Espio as chaves e lembro que são de uma fechadura mais elaborada, nada como a da minha casa, que quase sempre está aberta, pois não há nada para ser roubado, inclusive. Sei que ele mora aqui perto porque passei a noite no apartamento dos seus pais quando a carona desviou da minha casa para a dele.

Flávio mora em um bairro que eu nunca moraria, vive uma vida diferente da minha e não entende a importância de um emprego, de ajudar a família. É um cara formado em

universidade pública porque os pais têm dinheiro para pagar o cursinho. Os meus ainda estão me ajudando com o financiamento do curso de letras que terminei há mais de um ano em uma pequena faculdade privada.

Depois de quase duas horas, um a um, os alunos vão deixando seus testes sobre a minha mesa. Flávio não se move, mas percebi que há muito parou de escrever. Está só esperando para ficar sozinho comigo, e isso é arriscado.

— Até quinta. Tchau — despeço-me do último aluno.

— E você? Não tem que ir trabalhar?

Flávio levanta calmamente e coloca a prova dele sobre as outras. Encosta o quadril na mesa e me puxa pela cintura, enterrando o rosto no meu pescoço.

— Eu disse que precisava falar com você. Ah, como eu gosto de te ver dentro de uma roupa minha.

Eu não quero sair desse abraço, não quero desencostar da pele acolhedora dele, mas

tenho que ser forte.

— Flávio, eu não posso fazer isso. Por favor. Sou sua professora.

— Ok. Senhora professora. — Ele ergue as mãos e meu corpo se contrai ao ser solto. — Isso não é um colégio e eu não sou um menino. Não estamos fazendo nada de errado.

Como explicar para ele que temos vidas muito diferentes sem me humilhar? Sem me colocar para baixo? Se eu der amor, vou receber amor e isso é tudo o que eu não posso agora.

— É a regra da escola. Não posso me envolver com um aluno de maneira nenhuma.

Flávio passa a mão nos cabelos e vai até a janela. Ele observa por um tempo a chuva que bate no vidro e então se vira para mim.

— Por isso que você tem fugido desde a última aula na quinta? Por isso que desligou o telefone? Sério, Cat, eu fiquei desesperado acreditando que tinha passado dos limites com você. Liguei um milhão de vezes. Não pude dormir pensando que não voltaria a falar comigo. Sabe o que eu descobri hoje de manhã enquanto você não chegava?

Eu quero pedir que ele fale mais baixo, mas tenho medo de interromper o seu raciocínio e não deixar que diga o que descobriu.

— Hum! O quê? — Eu mordo o canto do dedo e aguardo ansiosa.

Flávio caminha até mim outra vez e pousa a mão em meu pescoço. Meus olhos passeiam desesperadamente por seu rosto atrás da resposta.

— Que estou perdidamente apaixonado e que eu não posso te perder. Nunca mais quero ficar um dia sem falar com você.

Sinto as pernas bambas. Elas querem correr e querem ficar. Não sei como lidar com o

conflito, com a vontade de beijá-lo agora mesmo e com a necessidade de terminar isso tudo antes que seja tarde demais. Repasso mentalmente a parte em que ele disse que me ligou um milhão de vezes e sinto todo o alívio escorrer pelas minhas mãos como a chuva. Sim. Ele ligou. Não. Eu não posso deixar que isso tire o meu foco. Ainda assim, posso ser só mais uma conquista e quando ele partir eu não terei meu emprego e nem como ajudar a minha família.

— Sinto muito, Flávio. Eu não posso fazer isso.

Saio das mãos dele e agora sou eu quem vai até a janela tomar um fôlego. Não sou uma das corajosas. O que sou é uma grande analfabeta emocional. Sou das que não conhecem o fim,

porque não arriscaram começar. A porta da minha cela está aberta e eu não consigo deixá-la.

— Só me diga que você não quer. Que não sentiu o mesmo que eu naquela noite. Se você me confirmar que estou enganado, que é impressão minha, eu peço para trocar de turma, ou sei lá. Dou um jeito de não ficar por perto para não enlouquecer, porque, Cat, eu estou ficando louco por você.

— Flávio, eu não sei o que dizer. Talvez tenhamos confundido as coisas, um momento de carência. Não sei.

— Catarina, por favor. Nós saímos de uma aula de inglês e eu te dei uma carona por causa da chuva. Não é como se estivéssemos saindo bêbados de uma festa nem nada. Não foi uma coisa do momento, uma noite apenas por prazer. Não vou mentir. Desde o primeiro dia de aula, quanto eu te vi entrando por aquela porta — ele aponta para a porta de vidro e eu tremo, com medo de que Naiara esteja escutando a nossa

conversa. —, com o rádio e os livros nas mãos, eu sabia que você tinha tudo para ser a minha mulher.

Eu não posso evitar o riso. Óbvio que percebi nesses últimos três meses de aula que o moreno que sentava sempre o mais perto possível de mim tinha algo de diferente. Meu coração também notou, mas tenho a cabeça no lugar, não daria chance de sair com ele e ser ignorada depois. Não sou do tipo que consegue fazer isso sem sofrer. Mas essa confissão acaba de abalar toda a minha linha de pensamento. Como assim ser a mulher dele? Foi uma única vez. Um deslize, algo impossível de ser transformado em um “para sempre”.

— Se eu cruzar essa porta, Flávio, pode ser o início ou o fim dos nossos caminhos. Você precisa dessas aulas como preciso desse emprego. A sua prova está chegando e você sonhou a vida inteira com aquela vaga que exige isso. Eu sonhei a vida inteira ter um emprego decente e ajudar a minha família.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

— Sonhei também em ter minha própria família. A minha mulher que pensa nos pais, que é responsável, trabalhadora e durona. Que é linda, loira, quase mais alta do que eu e que se chama Catarina.

Por um segundo acho que vou chorar com a declaração, que vou amolecer e jogar tudo para o alto, emprego, pais, a Catarina resistente de sempre, mas eu não consigo. Não porque realmente não desejasse isso, mas antes que eu pudesse dizer que sim, que eu era essa mulher, o aluno da turma seguinte bate no vidro e pulo com a mão no peito. Por sorte, Flávio está a alguns passos de distância de mim.

— Olá, Marcos. Pode entrar. Eu estava só repassando o simulado do TOEFL com o Flávio, mas já vamos começar a aula.

Eu observo o garoto acomodar as suas coisas na carteira e pego o teste do Flávio sobre a pilha para fingir que estamos encerrando aquele assunto. Ele olha para mim de um jeito esperançoso, como se eu fosse entender tudo e

mudar de ideia naquele segundo por algum motivo. Isso porque ele não imagina que, alguns segundos atrás, passou em minha cabeça a ideia de aceitar ser sua namorada.

Sem olhar para os papéis, digo que ele está indo muito bem e que com certeza vai alcançar o percentual que precisa, o que eu sei que é verdade mesmo sem analisar as respostas dele.

Fico triste em ter que devolver o casaco. Ele faz que não, não preciso devolvê-lo, mas eu insisto. Sei que vou chorar abraçada a ele se ficar comigo.

— Liga o telefone — ele pede em meu ouvido ao se despedir.

Faço que sim com a cabeça, mas não atendo ao pedido dele até o anoitecer. Seria impossível dar aulas esperando ansiosamente por uma mensagem. E isso é bom, porque é o

tempo que eu preciso para conseguir alinhar as ideias, perceber que a sua presença é uma ilusão que descontrola o meu corpo, a minha mente. Preciso muito cumprir o meu papel, manter o objetivo naquilo que eu tenho a cumprir. Tenho que ser impecável. Não vou largar tudo o que construí por causa de um namorado que pode me deixar a qualquer momento.

Não há mais chuva quando eu deixo a escola no fim do dia. A noite está quase chegando e eu corro até a parada de ônibus porque não gosto de andar sozinha no escuro do meu bairro. Eu ligo o telefone enquanto espero pela condução e ele começa a tocar imediatamente.

— Poxa, Catarina. Você quer me deixar maluco, né? Onde você estava?

— Eu estava dando aula e você sabe disso. Já falei que não adianta insistir, Flávio. Cai na real, você não entende o que eu estou dizendo porque não precisa manter uma família como eu, não sabe o que é depender muito de

um emprego. Eu estou não só me colocando em risco, como aos meus pais. Não sou rica como você e não vou entrar em uma brincadeira para daqui a um mês eu estar sozinha e desempregada.

— Ai, Catarina. Daqui a um mês você vai estar na minha casa, comemorando com os nossos pais o pedido de casamento que vou fazer para você e que eu já estou adiantando agora, mesmo sabendo que não devia, porque eu não aguento mais de ansiedade para acordar ao seu lado, como naquele dia.

Não posso continuar ouvindo isso sem cair no choro.

— Flávio, eu tenho que ir, meu ônibus chegou — minto e desligo.

Antes que a lágrima silenciosa termine o seu trajeto até o meu queixo o telefone vibra com uma mensagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Flávio: Cat, só hoje vamos esquecer do mundo? É dia dos namorados. Passa a noite comigo como se fossemos um casal sem amanhã?

Catarina: Eu tenho muitos amanhãs para sustentar, Flávio. Sinto muito.

Meus pais estão vendo a novela quando eu chego e passo reto, direto para o chuveiro. Desde o minuto que coloquei o pé para fora da porta de manhã, uma ducha quente é o que mais preciso, depois do abraço do Flávio.

Por que tinha que ser assim? Não podia ter conhecido alguém em outro lugar? Quase não saio e chego à conclusão que é óbvio que eu só poderia conhecer um homem no único local por onde circulo boa parte da minha vida. Paciência. Não era para ser. Ele tem o sonho dele de conseguir uma boa pontuação no teste de inglês e deslanchar na carreira. Eu só quero fazer o que amo, que é dar aulas e ficar perto dos meus pais, ajudando eles o quanto puder. Um dia vai aparecer outro cara para acordar ao

PERIGOSAS ACHERON

meu lado.

Tiro o telefone do fundo da bolsa, onde eu o escondi para não ler mais as mensagens dele. Continuo sem olhar, apenas verifico que são oito delas. Abro a pasta da escola e espalho as folhas de trabalhos e provas que tenho para corrigir hoje.

As letras vermelhas do despertador ao lado da minha cama avisam que eu tenho que correr para corrigir tudo se pretendo dormir antes das três da manhã, então jogo um vestido pela cabeça e seco os cabelos de qualquer jeito.

Eu tenho a impressão de ouvir a campainha da nossa casa tocar entre o chiado branco do secador, que desligo logo que a minha mãe surge na porta.

— Vai sair, Catarina?

— Não.

— Mas hoje é dia dos namorados e tem um homem de bonitos olhos azuis lá na sala com um buquê de flores perguntando por você. Alguém especial que eu ainda não tenha conhecido?

A culpa volta para o seu lugar habitual quando lembro que não contei para ela sobre o Flávio, que menti no dia que passei a noite fora de casa, dizendo que por causa da chuva dormiria no apartamento de uma amiga perto do bairro da escola de inglês. Mas o meu tempo de esconder não vai durar muito, então eu decido contar que estou apaixonada, porque com ele na sala de casa já não faz mais diferença.

— Sim. — Meus braços caem na lateral do corpo.

— Você está de poucas palavras hoje, minha filha. Alguma coisa errada?

Dona Ruth é desde sempre a pessoa mais desconfiada que conheço. Ela afasta as folhas na minha cama e senta, esperando pela resposta

que ela sabe que virá. Finjo que não estou preocupada enquanto tiro os brincos de frente para o espelho, ganhando tempo antes de falar e me atrapalhar.

— Ele é meu aluno, mãe.

Quando me viro de frente para ela, a minha mãe já está em pé. O meu nariz quase toca o seu e posso ver como vou ser quando for mais velha. Será que as minhas filhas serão parecidas assim comigo?

— Você tem certeza do que está fazendo, minha filha?

— Sinceramente, não. Tenho uma única regra naquele emprego e não sou capaz de cumpri-la. Pelo amor de Deus, mãe. Precisamos muito desse dinheiro. Esses donos de escola todos se conhecem, se sou demitida de uma, ninguém mais me contratará.

Como eu pela manhã, minha mãe vai até a janela e observa a chuva. Ela pensa um pouco e retorna, pegando em minha mão.

— É disso que você tem medo, Catarina? De não poder mais nos ajudar em casa?

— Eu estou morrendo de medo, mãe. Mas eu estou apaixonada. Ele está apaixonado e paixão não paga conta, não enche barriga. Eu já falei para ele que é impossível.

— A vida é uma roda que gira por conta própria, Cat. - Eu não consigo compreender as palavras dela e ela entende isso ao perceber os meus olhos apertados. — Quando você tem uma paixão, um desejo intenso, as dificuldades se dissolvem e a estrada com as soluções vai se formando conforme você caminha em busca disso. Tudo vai dar certo, ok? — ela diz, e penso se não está tentando convencer mais a si mesma do que a mim.

Eu envolvo a rígida Dona Ruth em um abraço e logo ela o devolve, enlaçando as mãos

sobre os meus ombros. Ela segura em meu queixo e sorri.

— Não quero que se arrependa de nada. Só quero te ver feliz minha filha, sempre sorrindo.

— Obrigada mãe, mas eu não sei se consigo fazer isso, dar o passo ao ar livre e esperar o chão se formar aos meus pés. Eu termino de falar e vejo por cima do ombro dela uma imagem colorida que destoa no meio dos papéis brancos. É uma foto. Afasto tudo, empurrando sobre o lençol o mar de páginas e eu surjo entre elas. Eu e Flávio. O meu braço sobre o rosto e o meu cabelo loiro espalhado ao redor da cabeça, sobre o travesseiro da cama dele. Flávio sorri com os olhos inchados. No verso, a letra dele diz: quero acordar ao seu lado para sempre.

Naquela manhã, ao despertar na cama dele eu senti a maior vergonha da vida e a alegria mais intensa também. Ele é um misto de sensações, todas elas inesquecíveis, fortes. Flávio me assusta por sua euforia, vontade de viver, mas cria em mim esse mesmo desejo que há muito tenta se esconder atrás das responsabilidades, exatamente esse da qual minha mãe estava falando: sair de dentro da minha cela sem ter certeza de que lá fora é seguro para mim, mas acreditando que tudo o que preciso vai aparecer conforme eu precisar.

Procuro pela prova dele, de onde a fotografia deve ter caído e quando a encontro começo a rir sem parar, apertando as folhas contra o meu peito. Na cópia do livro de simulados, o nome do aluno está preenchido com *Flávio*. Todas as respostas às demais perguntas são *I love you*. Como resistir a esse amor? Como fingir que não aconteceu o momento mais inesquecível da minha vida amorosa?

O arrependimento por tê-lo despachado começa a bater e penso que nada mais importa, porque eu encontrei um caminho para a felicidade, só espero que a porta ainda esteja aberta. Desisto de não ouvir as mensagens no telefone e agradeço a mim mesma por isso. Coloco em voz alta para que a minha mãe possa ouvi-las também.

Flávio: E eu vou estar ao seu lado em todos os seus manhãs, Catarina.

Flávio: Só um mês e meio e eu deixo a escola, faço o meu teste. Vou passar, eu sei. Tenho a melhor professora do mundo. E se não conseguir, você vai me dar aulas particulares.

Flávio: Até lá, ninguém vai descobrir. Eu juro que vou me comportar perto de você e resistir a te beijar. E se alguém descobrir, cara, você é a mulher mais dedicada que conheço, vai chover trabalhos para você.

Flávio: Não vamos deixar passar o nosso primeiro dia dos namorados. Eu sou péssimo em oficializar as coisas, e geralmente conto antes todos os meus planos, mas preciso que você diga sim, que seja a minha namorada essa noite, porque assim que eu deixar a escola você vai ser a minha noiva, eu já disse isso, né?

Flávio: Eu não quero saber se você vai estar preparada ou não, se está lendo essas mensagens ou não. Às oito eu passo na sua casa e vou te levar para jantar e você já sabe como vai ser, só mais um daqueles incontáveis dias que eu tenho para acordar ao seu lado.

Flávio: Se você ler isso antes de eu chegar aí e não te pegar de surpresa, coloca uma roupa bonita que eu vou te levar naquele sushi que sei que você adora.

Flávio: Professora, posso refazer o simulado? Tinha uma garota na minha sala que tirou toda a minha concentração.

Flávio: Eu te amo, Catarina.

Eu caio para trás na cama, abraçada ao

telefone, à foto e ao teste apaixonado. Rio como uma adolescente que encontrou o ídolo na rua e ganhou um beijo, rio como uma mulher que começa uma história com o homem da sua vida. Rio como a Catarina do Flávio. Rio como aquela que responde corajosamente à sua própria natureza, que arde em um anseio por ver o Sol, não no pátio, mas muito longe da prisão.

— Anda, Cat. Ele está te esperando. —
Minha mãe me puxa pela mão e vai me empurrando em direção à sala.

Quando chego lá, meu pai está parado ao lado de um buquê enorme de rosas vermelhas que escondem o rosto e o tronco de Flávio. Ele surge por trás das flores e dá um sorriso tímido, estendendo o buquê em minha direção.

— Você está linda, vai aceitar passar o seu primeiro dia dos namorados comigo, então?
— ele pergunta em meu ouvido.

Tenho medo de tremer a voz então confirmo com a cabeça e aspiro o aroma das rosas. Entrego-as a minha mãe para que cuide delas enquanto eu saio para o jantar de dia dos namorados.

— Eu gostaria de fazer um pedido aos senhores — Flávio fala antes que eu chegue até a porta e meu coração começa a subir pela garganta. — Nessa noite de dia dos namorados e em todas as outras da vida da Catarina eu quero ser o namorado dela, o marido, o pai dos filhos. Prometo que vou ser o melhor possível a cada dia para fazer feliz a filha de vocês.

Perdido, sem entender de onde havia surgido aquele pretendente, meu pai dá de ombros e fala em sua voz grave:

— Têm a minha bênção, se for fazer a minha Cat feliz.

Abraçada às flores, minha mãe balança de um lado para o outro e acena para mim, que sigo cruzando a porta para um novo destino, cheio de momentos inesquecíveis que vão se

PERIGOSAS NACIONAIS

formar em meu caminho, como esse.

PERIGOSAS ACHERON

*Vai valer
a pena?*

DAYA ALVES

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



³ A autora paulistana Daya Alves começou a escrever ainda criança, mas somente deu asas a este sonho depois de uma fase ruim de sua vida. De fato, a escrita a salvou e trouxe a alegria de volta. Seu gênero preferido é o romance daqueles com final feliz. Daya é autora do Chick lit *Estarei Aqui* e do romance *Amor Abstrato* em parceria com a Editora Coerência, além do romance *Bem me Quero* publicado em plataformas online e participação nas Antologias; *Mais Amor por favor* (Coerência), *Os animais também vão para o céu* (Sinna), *Playlist* (Rouxinol), *Era uma vez* (Coerência) e *Fragmentos de uma vida* (Modo), Autora convidada na antologia *Romances de Época* e organizadora da antologia *Relacionamentos Virtuais* (The books).

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Crianças brincavam jogando futebol no campo de terra batida

em um bairro da zona leste, como faziam todos os domingos. A bola foi chutada para longe, descendo a ladeira, um menino moreno correu atrás, mas, em sua corrida, viu uma bolsinha caída e a curiosidade, ou talvez preocupação com o objeto que poderia se estragar ali jogado, o fez abandonar sua corrida, pegar o objeto e procurar por seu dono.

— Me dá minha bolsinha — uma vozinha feminina, em tom nada simpático, ordenou a ele, aguçando seu estado provocador.

— Quem me garante que essa bolsa é sua? — perguntou só para provocá-la, pois achou interessante o modo como ela contraía a face para mostrar sua bravura.

— Tem dinheiro dentro, então é minha. — Ele ouviu os garotos gritando para que não perdesse a bola e resolveu entregar a bolsa para aquela menina que o olhava irritada, antes que ela o acertasse como a Mônica fazia

com Cebolinha quando ele lhe roubava o Sansão. Ela pegou a bolsinha, virou as costas e nem obrigada disse. O menino não soube por qual motivo, mas sorriu com a atitude dela e voltou para seu jogo.

Vinte anos depois...

Vocês já se perguntaram como preencher a lacuna de um coração partido?

Era essa a pergunta que Carol fazia a Deus enquanto aguardava o transporte para seu trabalho. Seus olhos carregados de lágrimas traziam a dor de mais uma noite em claro e entregue à desilusão. Quantos sonhos haviam se perdido? A sensação que carregava em seu peito era a de que seu passado fora irreal e não existia mais, tudo o que havia vivido tinha sido

construído em cima de uma mentira, pois ousara um dia ter acreditado no amor e ser merecedora dele. Descobriu da pior maneira a utopia que aquela palavra trazia. Secou a única lágrima que teimou em cair.

Um movimento no portão à frente chamou sua atenção, mas seus olhos se desviaram para a praça ao lado. Notou, entre o colorido da roupa do rapaz que passava por ela, as flores que nasciam no gramado até então seco por causa do frio que ficava para trás. Os raios solares que arderam suavemente seu rosto em plena manhã a fizeram se lembrar de que a primavera chegara, trazendo a alegria e o aroma do florescer e de recomeço.

A condução chegou, tirando-a de seu devaneio. Sentou-se no banco próximo à janela, observou as cores da praça ficarem para trás e naquele momento constatou que as estações haviam mudado, uma a uma, enquanto o inverno tinha se instalado em seu coração e o congelado. Já era a hora de desabrochar, assim

como as flores, precisava deixar a primavera florescer e trazer a alegria de volta para seu peito.

Um perfume suave invadiu seu espaço, notou vir do rapaz de camisa xadrez que se sentou ao seu lado, o mesmo que saiu do portão próximo à pequena praça. Pensou em quanto tempo eles já deviam ser vizinhos sem que ela nunca o tivesse notado. Esse era um dos problemas que vinha sofrendo, se entregou por tanto tempo a um relacionamento que deixou de notar as pessoas ao redor, até amigos se lembrou de que deixara de cultivar. Balançou os ombros, talvez nunca o tivesse visto, pois seus horários não batiam antes. Era seu primeiro dia em um novo turno no trabalho, havia se formado, terminado sua especialização e assumiria o cargo tão almejado de analista de recursos humanos. Pelo menos naquela parte de sua vida seus objetivos tinham se concretizado, através de muito esforço.

Não sabia o motivo, mas as cores da camisa daquele rapaz a fizeram sorrir, coisa que não fazia há tempos e, embalada pelo bom humor instaurado, decidiu que estava na hora de se revigorar, e nada melhor que um louvor para curar as feridas de uma alma aflita.

O som da voz melodiosa da Laura Souguellis cantando “Em teus braços” foi à música escolhida para seu processo de cura. Fechou os olhos e se deixou levar. Clamou a Deus em pensamento para que ele a acolhesse em Seus braços com toda a fé, que mesmo em meio às tempestades ela nunca perdeu, tinha plena certeza de que Ele a ouviria.

Os dias se passaram com a mesma rotina, levantava ao amanhecer para o trabalho, observava no ponto de ônibus o florescer a cada dia, sentava-se na condução ao canto próximo a janela, sorria ao se pegar imaginando quantas camisas xadrezes o seu vizinho, o rapaz cheiroso que sempre se sentava ao seu lado, tinha e acabava se distraíndo com o acalanto dos

louvores de sua cantora preferida.

Certo dia, a rotina mudou. Estava chovendo e o cinza do dia recaiu sobre o ânimo dela. Sentia-se novamente triste e vazia. Mas o destino tem artimanhas desconhecidas de ação. Seu vizinho, o mesmo da camisa xadrez, parou em frente ao ponto, onde Carol tentava se abrigar da chuva, e lhe ofereceu carona. Ela ficou receosa, pois não havia lhe dito nada mais que um bom-dia desde que passaram a se encontrar todos os dias após sua troca de horário no emprego. Pensou em quais riscos poderia correr aceitando e chegou à conclusão de que nunca saberia se não aceitasse, entregou na mão de Deus e foi.

Teve uma agradável surpresa ao entrar no carro, “Em Teus braços” tocava no rádio. Regozijou-se ao descobrir que ele começara a ouvir os louvores ao vê-la sorrir escutando os hinos a caminho do serviço e sorriu mais largamente naquele

instante, mal desconfiava ele que o motivo da graça eram suas camisas xadrezes ostentadas diariamente, e também naquele dia chuvoso.

Durante o trajeto, descobriram que eram vizinhos há mais de 20 anos e ambos se chocaram com o fato de nunca terem se visto até aquele primeiro dia de primavera. Bem, pelo menos foi o que Carol imaginou.

Os dias que se sucederam não foram diferentes em suas rotinas, e vez ou outra Carol torcia em segredo para que voltasse a chover e ela ter a desculpa perfeita para irem juntos em um trajeto maior, falando amenidades.

Era reconfortante a amizade que ia nascendo no pequeno período em que se encontravam, e também as coincidências, ou seria, mais uma vez, o destino agindo?

Quando descobriram, em certa discussão acalorada sobre política, o fato de votarem na mesma zona eleitoral, Carol percebeu a oportunidade de estreitar os laços, combinando de cumprir seu dever cívico juntos,

mas, ela ainda não estava pronta para se despedir. Em um gesto audacioso, o chamou para tomar um açaí, ele aceitou mesmo não gostando, pois também não estava preparado para dizer até logo.

E este sentimento os acompanhou enquanto ela devorava o sabor gelado tão refrescante e o dele continuava intacto. Na hora de pagar, o rapaz da camisa xadrez se deu conta de que o cartão havia ficado em casa, Carol não se importou de ser ela a pagante e sorriu mais uma vez ao constatar que era ela quem pagaria em seu primeiro inusitado encontro, que foi retribuído por Eric com uma carona até o local onde os familiares de Carol confraternizavam em um dia de folga.

Contudo, ao chegar a hora da despedida, eles queriam mais, o desejo de estreitar aquele tempo se tornou urgente, e ela

se viu chamando seu colega para conhecer sua família. Ela torceu para que ele não aceitasse, acreditava ser cedo para um passo tão importante, quando nem um beijo casto haviam trocado.

Para surpresa dela, ele aceitou e Carol se viu apresentado o amigo para todos os familiares, que já o receberam como se o conhecessem há anos. Aquela tarde se tornou agradável e inesquecível para ela.

Mas o memorável se deu pelo fato ocorrido quando realmente chegou o momento de dizer adeus. Ela o acompanhou até o carro, ainda querendo mais de sua presença, Eric segurou sua mão e, por um momento, o silêncio amistoso preencheu o ambiente enquanto somente se olhavam, buscando significados para os sentimentos que cresciam dentro deles.

— Posso entrar em sua vida e te fazer feliz? — foram as palavras que romperam o silêncio, conectando direto ao coração de Carol, que não teve como responder, emocionada pelo

sentimento de realização que a acometeu.

Em resposta, ela o beijou. Primeiro de forma tímida, reconhecendo, saboreando o calor de seus lábios próximos ao dela. Levou seus braços ao redor do pescoço dele, que a enlaçou para dentro de seu abraço, para depois se perderem um no outro. Então, enquanto se descobriam, o pensamento de Carol a levou até a noite em que se ajoelhou em seu quarto, em uma de suas muitas noites de dor e solidão, e pediu a Deus um amor que curasse suas feridas, e ali dentro do abraço de Eric, teve a certeza de que ele era o seu pedido atendido. Aquele que um dia sonhou que tivesse as mesmas qualidades do homem mais importante de sua vida, seu pai e seu prometido.

Dali em diante não se desgrudaram mais, dia a dia foram construindo um amor transformador, de modo que Carol nunca se questionou se valeria a pena entrar de cabeça em

um novo relacionamento, pois em seu coração não restavam dúvidas.

As estações do ano se passaram, uma a uma, e já era primavera novamente, a praça ao lado da casa deles já florescia e a constatação de que completavam um ano juntos acalentou o coração de Carol. Reencontrara o caminho da felicidade. Achou engraçado como o tempo passa rápido quando se está de bem com a vida e como os dias se arrastam quando se está imersa em tristeza. Mas se sentia livre dos sentimentos que haviam aprisionado seu coração e pronta para enfrentar qualquer batalha.

Agora ouvia os louvores como um hábito de conexão com aquele que nunca a abandonara, agradecer se tornou uma rotina, pois compreendia o doce sabor de viver em paz.

Chegou em casa distraída de mais um dia de trabalho, olhou seu reflexo no espelho satisfeita com a imagem que via, cada cicatriz a tornara mais forte. Em seu devaneio, nem

percebeu a surpresa que a aguardava em sua cama, e as lágrimas que desceram de seu rosto passaram a ser de felicidade devido às palavras escritas com pétalas de rosas sobre a sua cama “Casa comigo?”.

Antes de dizer o sim, se ajoelhou e agradeceu mais uma vez. Iria formar uma família com seu prometido, que chegou de mansinho e arrebatou seu coração.

As palavras escritas na aliança (Já valeu a pena) não deixavam dúvidas de que era somente o início de uma nova fase de colheitas e que sim, tudo, até as batalhas, tinham sim, valido a pena.

Começaram os preparativos, o plano era se casar em um ano, mas um fato estarrecedor abalou a determinação de ambos. Eric perdeu seu melhor amigo, seu pai, de forma repentina. Os planos e as estações que mudavam deram lugar

aos dias nublados, que passaram a ser de reconstrução e companheirismo. Foi uma fase de dor, mas também de fortalecimento, acima de tudo, do relacionamento deles. Descobriram-se, além de namorados, amigos.

Mas a Primavera chegou, mais uma vez, e juntos haviam conseguido superar mais essa etapa. Carol se alegrava com cada preparativo para o tão esperado dia. Fez questão que a cerimônia fosse à altura das batalhas que viveram ao lado de seus familiares e dos amigos verdadeiros.

Todos os detalhes foram escolhidos conforme os sonhos de cada um. Carol descobriu que eram muitas tarefas para se conciliar com os dias preenchidos pelo trabalho, mas teve a companhia de suas fiéis amigas e sua grande companheira, sua mãe, o que tornou tudo mais gratificante e fácil.

Realmente, o tempo passa rápido quando se está feliz. Outra primavera chegou trazendo toda a sua alegria e o colorido das

flores para anunciar que o grande dia, o tão sonhado estava próximo.

Tudo pronto após um ano de preparativos. A ansiedade por achar que a festa não seria à altura do sonho deu lugar a um sentimento puro de realização.

Mas, ao contrário dos dias ensolarados de primavera que foram presentes nos dias mais importantes de seu relacionamento de 3 anos, a tão esperada data amanheceu nublada e chuvosa. Domingo, 05 de novembro, foi o dia escolhido para celebrar, junto aos amigos e familiares, a união de duas pessoas que construíram um amor transformador.

Ao olhar as gotas de chuva que escorriam pelas vidraças do salão onde se preparava para se tornar única, o brilho das pedrarias de seu lindo vestido à fez lembrar-se do passado de lutas, onde nem ousava ter esperanças com receio

de uma nova decepção. Carol sentiu o reluzir em seu peito e teve certeza de que não importavam as estações, com sol ou chovendo, estaria se casando com seu amor e a partir dali estaria pronta para enfrentar qualquer tempestade, pois, ao final daquele dia, nunca mais estaria só, em seu coração seria sempre primavera.

Colocou o lindo vestido branco, discretamente rodado, repleto de pedrarias com uma renda bela cobrindo o busto, prendeu os cabelos em um coque fino, adornando-o com um lindo véu. Finalizou com um pequeno brinco de pérolas e fez uma maquiagem discreta. Ao se ver refletida no espelho, se achou sublime e se sentiu uma mulher bela, madura e experiente, além de pronta para enfrentar qualquer desafio.

Segurou a emoção ao ouvir os acordes da música de sua entrada, A Thousand Years (Christina Perri), o coração acelerou. As mãos tremiam ao segurar o lindo buquê de flores do

campo e caminhou repetindo o refrão mentalmente: “O tempo trouxe seu coração para mim, eu amei você por mil anos e te amarei por mais mil”. Sim, ele foi o escolhido, aquele que Deus enviou para acalmar e preencher sua vida, e agora caminhava rumo ao florido altar para selar o seu destino ao lado de seu amigo, companheiro e grande amor.

Todos diziam que este momento seria como um borrão em sua memória, dado ao nervosismo do momento, mas Carol via cada sorriso de alegria, cada olhar de admiração, cada lágrima de emoção e não pôde se conter de tanto êxtase, principalmente ao fixar os olhos em seu noivo, que tentava manter as emoções sob controle com os seus marejados e um grande sorriso no rosto.

A música cessou no exato momento em que ela entrelaçou a mão na de Eric, ambos se perdendo dentro do olhar do outro. Tudo era dito em silêncio, tantas promessas,

confissões, expectativas e a certeza de uma eternidade juntos. As palavras tão lindas do juiz de paz foram gravadas em seu coração com um mantra que seguiria em sua jornada com seu marido, os dois juntos, aprendendo e enfrentando as dificuldades pautados pelos ensinamentos mais sábios e bíblicos. Toda a emoção que sentira até aquele momento não a preparou o que viria a seguir... as crianças entrando, radiantes, com o símbolo maior do enlace deles: suas alianças. Com elas em posse, Eric iniciou os votos, levando-a a ter certeza de que realmente fora abençoada.

— Encontrei em você tudo o que pensei não ser possível, você é minha paz, companheira e a mulher perfeita para mim. Esse seu jeito especial faz com que eu me apaixone todos os dias. Que o universo conspire a nosso favor. Que o seu sorriso seja o motivo do meu e, no final de tudo, sejamos apenas eu e você.

Uma lembrança muito vívida veio à sua mente assim que ouviu as singelas palavras de

seu, agora, marido. Um menino correndo atrás de uma bola, ela deixando cair sua bolsinha de dinheiro e depois a vontade que teve de lhe mostrar o quanto já era durona, mesmo ainda sendo uma criança. Seria

o destino entrelaçando suas vidas naquele exato instante em que se conheceram? E concluiu que era, pois Deus, em sua perfeição, os levou para um caminho de ensinamentos para prepará-los para o amor verdadeiro. E quando ela declamou seus votos, eles vieram do coração e da alma de uma mulher realizada e feliz, que só tinha a agradecer pela felicidade suprema que esperou tanto tempo para saber que existia, porém, ao recebê-la, tal felicidade veio em dádiva. Ela encheu o peito e se declarou ao seu amor verdadeiro e transformador:

— Chegou o nosso grande dia! O Dia do nosso quinto sim. O primeiro veio de Deus, quando cruzou nossos

caminhos, após ter preparado nossos corações para receber o verdadeiro amor. O segundo sim foi o do nosso primeiro beijo, quando você perguntou se poderia entrar em minha vida, me fazendo ter a certeza, quando nossos lábios se tocaram, de que você era a resposta às minhas orações. Já o terceiro sim foi à resposta de meus pais à sua pergunta se poderia namorar a filha deles, demonstrando seu caráter e respeito à minha família.

O sim do nosso noivado foi o nosso quarto, com a linda surpresa preparada por você a mim, enchendo minha cama com pétalas de rosas e transbordando meu coração de amor. E hoje eu te dou o nosso quinto sim! Diante de nossas famílias, amigos e com a bênção de Deus. Eu te digo sim! Quero ser a sua esposa, companheira até o fim de nossos dias, te amando enquanto meu coração bater, porque, por você... sempre valerá a pena!

Meu Querido Rock Star

EVY MACIEL

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Evy Maciel nasceu em 5 abril de 1989 e é natural de Osório-RS. Reside em Içara-SC. Sempre gostou de escrever, mas foi em 2012, com o incentivo de uma amiga que começou a publicar suas histórias. Desde então, a escrita tornou-se parte importante de sua vida. Leitora voraz, também ama escrever em cadernos ouvir música e assistir séries no Netflix. Coleciona unicórnios, é apaixonada por artesanato e tudo que estimula sua criatividade. Atualmente se dedica unicamente ao meio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

literário, escrevendo suas histórias e interagindo com os leitores nas redes sociais.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia , o que vai pedir hoje?

Eu já sabia o que ele ia pedir, pois nos quatro dias anteriores, o rapaz de cabelos compridos e braços tatuados sempre pedia a mesma coisa.

— Um milk shake de baunilha.

Sorri em simpatia e fui providenciar o pedido.

— Caramba, esse cara está totalmente na sua — sussurrou Charlene, ao meu lado na máquina de sorvete.

Neguei com a cabeça, em um movimento quase imperceptível.

— Não viaja, Charlene. O moço só veio tomar um milk shake.

— Deve ser o milk shake mais delicioso do planeta, já que ele não tira os olhos da máquina de sorvete, a semana inteira.

Dei um sorrisinho, achando graça da piada.

— Você está imaginando coisas — desconversei.

Preparei a embalagem e os guardanapos

PERIGOSAS NACIONAIS

na bandeja e levei até a mesa onde ele aguardava o pedido.

— Aqui está. — Coloquei o copo na mesa e entreguei a comanda de pagamento.

— Obrigado.

Sua mão tocou a minha para pegar a comanda, mas quando puxei a minha de volta ele não permitiu. Seus olhos especulativos me encararam desconfiados, me analisando minuciosamente. Senti minhas bochechas ficarem vermelhas.

Droga!

— Quer pedir mais alguma coisa? — perguntei, tentando puxar minha mão novamente.

Ele a soltou, mas continuou encarando daquele jeito esquisito e... profundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer? — perguntou ele.

— Desculpe, não entendi. —

Engoli em seco. Ele sorriu,
parecendo feliz com a minha
resposta. Franzi a testa.

Que situação mais esquisita!

— Eu estava brincando com você, perdão.

Dei de ombros e sem dizer nada, voltei para trás do balcão e tratei de lavar a louça. Eu não o conhecia, parecia ser novo na cidade. Aquele era o quinto dia que ele frequentava a lanchonete que eu trabalhava. Todos os dias, assim que a lanchonete abria às sete e meia da manhã, ele aparecia. Sentava e fazia seu pedido, o mesmo de sempre: Milk shake de baunilha.

Milk shake às sete da manhã? Cada louco com sua mania!

Eu estava limpando o balcão quando o rapaz se dirigiu ao caixa para pagar. Charlene o atendeu toda sorridente, jogando charme para cima dele e eu queria ter me enfiado em um buraco e desaparecido, se pudesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês entregam lanches? — perguntou à Charlene.

— Sim, fazemos entregas aqui por perto. Onde seria?

— No teatro municipal, é para a equipe que está organizando os shows.

— Uau! Você trabalha com a banda que está tocando lá essa semana? — perguntou Charlene.

Ele sorriu, achando engraçado.

— Sim, trabalho.

— Que legal! Minha filha é doida por aqueles caras. Desculpe, esqueci o nome da banda, mas minha filha é realmente fã.

— One Minute Of Paradise.

— Essa mesmo! — confirmou Charlene, empolgada.

— Ela é sua filha? — perguntou o rapaz, apontando para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh não! — Tratei logo de responder.
— Sou apenas uma funcionária da lanchonete.
A Charlene é minha colega.

Ele sorriu, parecendo feliz por eu ter respondido.

— E qual é o seu nome?

— Liana.

— Você irá ao show
amanhã, Liana? Balancei a
cabeça, em negativa.

— Não conheço a banda, e estou
guardando minhas economias para uma viagem
de férias. Então...

— Entendo. — Virou-se para Charlene. —
A sua filha,

irá?

Charlene negou.

— Infelizmente não consegui comprar o
ingresso.

Quando juntei o dinheiro, estavam esgotados.

— Que pena. — Pareceu sincero. Pagou a Charlene e aguardou o troco. — Mais tarde alguém da organização telefonará para encomendar os lanches. A banda estará fazendo passagem de som, estão gravando um DVD.

— Legal! Aceitamos pedidos até às dezenove horas.

— Ok. Até mais!

Assim que o rapaz colocou os pés para fora da lanchonete, Charlene deu pulinhos de alegria.

— Ele está afim de você — gritou ela, comemorando. Abriu a boca em um “O” silencioso.

— Claro que está. Apaixonadíssimo! — ironizei.

— Bem, é você quem irá entregar os lanches no teatro — avisou, com seu sorrisinho cretino.

O tal pedido foi feito às três da tarde. Meu turno havia terminado, mas por insistência da Charlene, fui até o teatro municipal com os lanches. Nada de mais, era apenas entregar e voltar com o pagamento, depois estaria liberada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para ir embora.

PERIGOSAS ACHERON

A segurança estava reforçada na entrada, após um dos guardas verificar meu documento e fazer uma ligação, fui autorizada a entrar. Já havia ido ao teatro em algumas apresentações pequenas, ele era bonito em um estilo clássico, mas sempre que eu ia lá, ficava embasbacada com o tamanho daquele lugar.

A música alta soava por todo o ambiente, a acústica era perfeita, a tal banda estava no palco e podia ser vista de longe. Eram cinco rapazes, vestiam jeans preto com rasgos no joelho e T-shirts. Havia mais pessoas por ali, algumas sentadas nas cadeiras, outros mexendo em aparelhagens, deviam ser umas dez além da banda. O pedido de lanche era grande, mas não haviam pedido nenhum tipo de bebida, o que facilitou meu trabalho, duas sacolas grandes foram o suficiente para que eu conseguisse carregar tudo.

“E quando eu decidir ficar quieto em algum lugar,

será porque não preciso mais de mudanças em minha

vida.

Será porque te encontrei depois de tanto tempo e nada mais importará, apenas você.”

A voz masculina prendeu minha atenção, tornei a olhar o

palco, ainda mais próxima. Ninguém pareceu me notar ali. Então os longos cabelos jogados na frente do rosto daquele que cantava, despertou o reconhecimento.

É ele, o moço do milk shake!

O solo de guitarra quase me desnorteou, fiquei hipnotizada vendo-o cantar e tocar o instrumento. Não era grande fã de rock e nunca tinha ouvido falar daquela banda, mas de qualquer maneira a música me emocionou, ainda mais por estar sendo interpretada pelo rapaz que admirei nos últimos cinco dias.

Uma mulher se aproximou de mim, me tirando do transe em que me encontrava.

— Trouxe os lanches — avisei, mostrando as sacolas.

Ela sorriu, mas seu sorriso não alcançava os olhos. Não eram sinceros.

— Ótimo, estamos morrendo de fome.

Entreguei as sacolas e *conferi* os pedidos com ela, que após verificá-los, me pagou. Entreguei o recibo e logo me dirigi para a saída do teatro. Queria olhar para trás, vê-lo mais uma vez. A música havia parado e as pessoas se reuniram em volta da mesa com os lanches.

Só mais uma vez...

Olhei para trás, rezando mentalmente para que conseguisse vê-lo. Depois do show eles iriam embora e nunca mais o veria, a não ser que me tornasse uma tiete da banda apenas para ter sua foto pendurada na parede do meu quarto. Ele era tão bonito. O longo cabelo liso em tom castanho e até mais bonito que o meu, caía-lhe sobre os ombros. A *T-shirt* branca com as

mangas dobradas, deixavam à mostra as tatuagens coloridas em seu braço direito, completamente fechado por desenhos variados. Os anéis de prata em seus dedos, o deixavam com aparência ainda mais exótica. O coturno preto, modelo militar com cadarços desamarrados, o deixava com a aparência ainda mais rebelde.

Um verdadeiro *rock star*.

Perdi a noção de quanto tempo fiquei ali parada, observando-o, mas não deve ter sido muito. Dando-me conta de que já havia ficado mais do que deveria, dei as costas para o palco, a fim de ir embora dali. A música parou e o ensaio deveria ter chegado ao fim, mas não me preocupei em verificar.

— Liana! Oi.

A voz atrás de mim... Era ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei de andar em direção à saída e lentamente me virei de volta, achando que estava imaginando coisas. Mas não, ele estava mesmo ali. Sorrindo, daquele jeito que me deixava nervosa. Nervosa de um jeito bom.

— Oi. — Foi então que percebi que não sabia o seu nome.

Acenei com a mão, sem saber o que fazer.

Ele deu alguns passos para frente, chegando perto, talvez perto demais.

Engoli em seco. O cara era uns trinta centímetros mais alto que eu. Mas não chegava a ser intimidante.

— Não te vi chegar — disse. — Já está indo embora, assim tão rápido?

Assenti em silêncio.

— Você não é de muitas palavras. Sorri, envergonhada.

— Não sei o que dizer — respondi. — Preciso voltar na lanchonete e deixar o dinheiro com a Charlene, para ela fechar o caixa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava trabalhando até a essa hora?

— Sim, faço algumas horas extras durante a semana. Meu turno já havia encerrado, mas ela pediu que eu trouxesse os lanches.

— Uma garota como você não deveria trabalhar tanto

assim.

— Uma garota como eu? — Franzi a testa.

— Tão jovem e bonita. — Ele sorriu.

— Juventude e beleza não pagam minhas despesas.

— Nem os seus pais?

— Não tenho pais.

— Perdão, eu... — Ele pareceu chocado com a minha

resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, você não tinha como saber.

— Ok, não quis ser indelicado. Apenas quis dizer que você deveria aproveitar mais a sua juventude ao invés de trabalhar tanto. Mas quem sou eu para dizer qualquer coisa, não?

— Certo. Preciso ir agora, tenho que levar o dinheiro antes de ir pra casa.

Ele assentiu.

Acenei um tchau, indo em direção à saída.

— Liana! — A voz se aproximou como se estivesse correndo para me alcançar. — Posso te acompanhar até a lanchonete?

— Por quê?

— Porque quero conversar mais contigo. Que mal havia?

Nenhum!

— Tudo bem, vamos lá.

Caminhamos lado a lado, mas não dissemos nada por uns cinco minutos, o que poderia parecer uma eternidade às vezes.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Dezoito, quase dezenove.
- Tão jovem.
- Você fala isso como se fosse tão mais velho que eu.
- Vinte e três.

Chegamos à lanchonete. Encontrei Charlene no caixa, ela estava fazendo dois turnos naquele dia, pois uma de nossas colegas estava doente e faltou.

- Ei! — cumprimentou-nos.

— Ei, Charlene. — Entreguei o envelope para ela conferir.

- Está tudo certo, Liana. Até amanhã.
- Até amanhã.

PERIGOSAS ACHERON

Ele permaneceu ao meu lado quando me dirigi à saída da lanchonete.

— Você vai para sua casa, andando? — perguntou.

— Sim, moro em uma das quitinetes no andar de cima.

— Certo.

— Certo.

O silêncio constrangedor assolou o ambiente a nossa volta, até que um grupo de garotas se aproximou da lanchonete, conversando animadamente.

— Ouvi dizer que o Luthor tem frequentado essa lanchonete durante toda a semana, alguém o viu um dia desses. Pode ser que tenhamos a chance de encontrá-lo para pedir um autógrafo!

De repente, ele me pegou pela mão, nos afastando da porta da lanchonete. Escorando-se em uma parede, me puxou contra o próprio corpo, me colando a ele, abraçando-me pela cintura.

— Vai ser por uma boa causa, ok?

Franzi a testa confusa, mas não tive tempo de dizer nada, pois em seguida ele estava me beijando. Uma de suas mãos soltou minha cintura e segurou minha nuca, para que não pudesse me afastar do beijo. Então soltou meus cabelos que antes estavam presos em um rabo de cavalo, deixando-os livres sobre meus ombros. Sua língua invadiu a minha e mesmo surpresa pelo ato, correspon-di ao beijo com uma necessidade que até então eu desconhecia. Ele tinha um cheiro bom, de algum perfume amadeirado, mas seu gosto de menta foi o que me deixou perdidamente entorpecida. Tomei coragem e toquei seu longo cabelo, puxando-os com um pouco de força. Ele soltou um gemido, não sei se de dor ou prazer, por eu ter puxado com mais força do que deveria, mas não interrompeu o

beijo, que continuava com a mesma intensidade que havia começado.

Não sabia explicar o que estava sentindo naquele momento, era algo tão diferente de tudo o que já havia vivenciado em meus dezoito anos de vida. Poucos namorados, nenhuma experiência sexual. Nunca senti que estivesse apaixonada por alguém. Mas sabia que aquele beijo, com toda a certeza do mundo, era a melhor coisa que tinha me acontecido há muito tempo.

O beijo se encerrou aos poucos, como se estivéssemos relutantes em parar, mas precisávamos respirar. Ele sorriu e me olhou nos olhos, meus lábios entreabertos sentindo a falta dos seus.

— Isso foi incrível — sussurrou ele, ao pé do meu ouvido, depositando um beijo casto em minha testa.

Não consegui dizer nada, apenas sorri e abaixei o olhar.

— Você pode me salvar antes que

aquelas garotas me vejam? — perguntou, ainda sussurrando.

As garotas continuavam do lado de fora da lanchonete.

— Eu estou perdendo alguma coisa, não estou? — perguntei desconfiada.

Ele sorriu e acariciou minha bochecha.

— Você é o anjo que pedi aos céus, Liana. Pode me salvar?

— Do quê?

— Sou o cara de quem elas estavam falando e se me virem aqui com você, vão especular nas redes sociais, além de eu ter que dar autógrafos e fotografar com todas, o que não seria problema algum, mas levaria algumas horas para que elas me liberassem e sinceramente? Estou tão cansado e quero preservar você.

— Então esse é o seu nome. Luthor. —
Não foi uma pergunta.

— Você realmente não sabia, não é?

— Desculpe. — Fiquei envergonhada
por não conhecer a banda e nem saber o nome
do vocalista.

— Não, isso é tão incrível. Verdade. Até me
senti normal.

— Você é normal.

— E você é especial, Liana.

Ignorei as borboletas no meu estômago.
Definitivamente, aquela situação era muito fora
do comum. Só poderia estar sonhando, logo
acordaria e estaria rindo de mim mesma, por ter
um sonho maluco com um cliente da
lanchonete.

— Vamos tomar um café, lá em cima.
— Apontei para as quitinetes, por impulso. —
Suba as escadas laterais.

Rapidamente, Luthor correu até as
escadas na lateral do prédio, evitando chamar a
atenção das garotas. Fui para lá logo depois de

me certificar que nenhuma delas estava prestando atenção em nós.

— Você deveria tentar algum disfarce — brinquei enquanto abria a porta.

Entrei no meu pequeno lar e liberei a entrada para meu visitante. Luthor entrou e observou ao redor. A quitinete era pequena, um único cômodo, dividido entre quarto e cozinha. Havia um sofá também, ao lado de uma pequena estante de livros e uma televisão. Era um lugar pequeno, mas confortável.

— Encantador — comentou. — Você vive aqui, sozinha? Assenti.

Por mais que ele fosse um estranho, me sentia segura com ele.

— Há alguns meses. Antes morava com minha avó, depois que meus pais faleceram. Ela morreu há pouco tempo, eu já trabalhava na lanchonete. A casa tinha despesas demais e

eu era sozinha, acabei vendendo e juntei com o dinheiro que meus pais me deixaram, apliquei no banco e optei por viver em um lugar menor. Fica perto do trabalho, então eu gosto.

Caramba, nem percebi que estava liberando informações demais, para um estranho. Mas havia uma necessidade de me abrir com ele, de fazê-lo saber sobre mim *e também queria saber sobre ele.*

— *Perdão. Já estou tagarelando.*

— *Vá ao show, amanhã.* — *Mudou de assunto.*

— *Eu não posso... — tentei me justificar.*

— *Vou pedir que entreguem os ingressos na lanchonete, pra você, sua amiga e a filha dela. Por favor, vá ao show amanhã. Quero cantar pra você.*

Como negar quando sua voz em si já era música para os meus ouvidos e a forma como ele me olhava fazia com que eu me sentisse a garota mais incrível de todas?

— *Tudo bem, eu vou.*



Eu nunca pensei que fosse gostar tanto de um show de rock, mas a One Minute Of Paradise sabia impressionar seu público.

O carisma dos integrantes deixava as fãs eufóricas e eu não podia negar que havia me tornado uma delas, ao menos durante aquela uma hora e meia. Foi incrível.

Não apenas ganhamos ingressos para o show, como lugares privilegiados e acesso à uma sessão de meet & greet, do qual eu não quis participar.

— Ele nos deu os ingressos e você se recusa a tirar fotos com a banda? — resmungou Charlene, ao lado de sua filha Poliana que não escondia a euforia.

— Não é isso, amiga. Eu nem decorei o nome dos caras, a não ser o do Luthor e vou me sentir um peixe fora d'água.

— Não acredito que vai perder essa chance, Liana! — Foi a filha de Charlene quem demonstrou surpresa com minha decisão.

Dei de ombros.

— Podem ir, eu espero vocês numa boa.

Éramos as últimas da fila e enquanto aguardávamos, eu observava curiosa o quanto aqueles rapazes eram carismáticos e atenciosos com cada fã, mesmo que estivessem exaustos após o show, cada uma recebia atenção e carinho dos integrantes que pareciam se divertir ao fazerem poses engraçadas e abraçarem as tietes.

Confesso que minha atenção se voltou exclusivamente para Luthor, ele era sem

dúvidas o mais bonito, sem desmerecer o charme dos outros integrantes.

Não sei o que deu em mim, algo me atraía para ele sem que pudesse evitar. Desde o primeiro momento que o rapaz colocou os pés na lanchonete e o atendi, quando seus olhos verde musgo se conectaram aos meus, foi como se houvesse um reconhecimento, o que era muito estranho de se dizer.

Quando estive em minha quitinete e passamos quase duas horas conversando sobre tudo e nada, foi como se nos conhecêssemos há tanto tempo, até de outras vidas. Era surreal.

Eu nunca havia mostrado a ninguém as fotografias que tirava por hobby. Havia pouco tempo que decidi montar um mural e expô-las na única parede da sala que não tinha mobília escorada e, quando Luthor mostrou-se admirado e surpreso ao

saber que eram de minha autoria, uma parte minha se derreteu em lisonja.

Fotografar era meu dom, por assim dizer. Um hobby que começou na infância, quando minha avó me presenteou com uma câmera fotográfica e eu passeava pelo bairro em busca de imagens para eternizar.

Antes de ela morrer, consegui economizar dinheiro o suficiente para comprar uma câmera profissional e, mesmo que meu kit de lentes fosse limitado, eu tirava boas fotografias. Sem dinheiro para um curso técnico e workshops, li muito material gráfico e pesquisei bastante na internet, buscando conhecimento de forma autodidata para aperfeiçoar técnicas e tirar o melhor proveito do meu equipamento. Agora eu estava juntando grana para fazer uma viagem a fim de fotografar lugares que sempre sonhei conhecer.

Nós não nos beijamos outra vez, mas ele entrelaçou sua mão na minha enquanto

conversávamos e trocávamos experiências, revelando momentos de nossas vidas que haviam ficado marcados nas lembranças. Momentos que gostaríamos de eternizar, se pudéssemos. Assim, em um toque sutil e um olhar muito cúmplice, nos conectamos de uma maneira tão sublime, que para mim foi muito mais íntimo do que qualquer beijo ou carícia. Quando ele se despediu e foi embora, o vazio que senti ao ficar sozinha foi estranho e até mesmo um pouco doloroso.

Eu não tinha mais ninguém na vida e Luthor me fez enxergar isso ao ponto de me fazer pensar no futuro e em como seria passar o resto dos meus dias sem ninguém.

Charlene era uma boa amiga, mas nosso contato resumia-se ao trabalho. Conversávamos, ríamos e até desabafávamos vez ou outra. Mas aquele show era a primeira vez que fazíamos algo juntas fora do trabalho. Ela tinha a vida dela, a família e

sua casa para cuidar, vivia atarefada e mal tinha tempo para si mesma. Eu entendia.

Na verdade, sabia que não podia responsabilizar ninguém pela minha solidão, a não ser eu mesma.

— Liana? É a nossa vez, vamos! — insistiu Poliana, despertando-me de meus devaneios.

Balancei a cabeça em negativa, sorrindo de forma complacente.

— Vai lá, querida! Curta o seu momento. Eu espero aqui.

— Afastei-me para escorar-me em uma parede, a fim de aguardar Poliana e Charlene e acabei me distraindo com o celular, fuçando minhas redes sociais.

— Ei, vamos lá. Tire uma foto comigo e os caras — a voz sussurrada ao pé do meu ouvido fez um arrepio percorrer minha nuca.

Sobressaltei-me e olhei para Luthor, sentindo meu coração batendo descompassadamente. Minha boca se abriu em

um “O” e eu levei a mão que segurava o celular até meu peito, sentindo os batimentos cardíacos e tentando controlar a respiração.

— Não percebi você se aproximando — falei, sem graça. Ele me deu um sorrisinho irônico e piscou um dos olhos, jogando a cabeça meio de lado, fazendo charme.

— Ou eu quem reparo demais em você, ou você é que nunca repara em mim. Qual das duas opções é a verdadeira, Liana? — Seu sorriso se alargou e uma das sobrancelhas foi arqueada em uma expressão de desafio.

Engoli em seco. O que eu poderia dizer?

— Talvez eu ande pensando tanto em você que tenha ficado desatenta ao que se passa ao meu redor — peguei-me dizendo, timidamente.

Ele foi pego de surpresa, obviamente, porque ficou evidente em sua expressão. Isso me fez sorrir e então ele sorriu de volta antes de morder o lábio inferior e encarar meus lábios como se fossem o seu milk shake de baunilha.

— Garota, você não faz ideia do quanto eu gosto de você.

— Mas a gente mal se conhece —
justifiquei com um sorrisinho encabulado.

— Tempo é relativo, baby. Eu te conheço de outras vidas, pode ter certeza.

— Ei, vocês! Vamos tirar essa foto ou não? — Chamou um dos caras da banda, fazendo-nos sair da redoma invisível que nos colocamos, *ao se dar conta de* que não estávamos sozinhos.

— E então? — Luthor apontou para os rapazes e assenti.

— Não me lembro o nome deles — confessei, desviando o olhar para que ele não enxergasse em meus olhos o quanto me sentia
PERIGOSAS ACHERON

envergonhada por ter esquecido algo que ele me dissera no dia anterior.

— Não esquenta com isso, Liana. Eu te apresento os caras.

Cameron, Brian, Steve e Kane. Esses eram os quatro rapazes que integravam a One Minute Of Paradise, com Luthor. Todos lindos e simpáticos.

Tiramos algumas fotos juntos e embora no começo me sentisse retraída, logo eles fizeram com que eu ficasse tão à vontade que me soltei. Então quando o fotógrafo garantiu que as fotos estavam ótimas, agradei a atenção e me despedi de cada um com um abraço.

Preparada para ir embora, não esperava que Luthor me puxasse pela mão e levasse o meu corpo de encontro ao seu, enlaçando minha cintura e aproximando nossos rostos.

— Quero uma foto contigo, só nós dois. Essa vai ficar na cabeceira da minha cama. Em todos os hotéis que vou conhecer durante a turnê — a intensidade de suas palavras fez meu estômago se revirar, como se borboletas voassem esprevidadas dentro dele, causando um reboliço sem igual.

Como ele consegue me afetar tanto assim?

— Até parece! — Revirei os olhos, mas acabei fazendo pose quando o fotógrafo começou a nos clicar.

— Fica comigo, Liana — sussurrou Luthor, antes que eu pudesse me desvencilhar dele.

Os caras da banda já estavam entretidos com as groupies e Charlene conversava com Poliana, ambas escoradas na parede onde eu as aguardava antes. O fotógrafo já havia se retirado também e algumas pessoas da equipe de bastidores zanzavam por ali.

Encarei Luthor, com verdadeira confusão em meu olhar. O que aquilo significava,

afinal?

— Não entendi.

— Esse pedido tem diversos significados e eu gostaria que você dissesse sim para todos eles.

— Luthor...

— Liana. — Passou a mão pelo meu rosto e acabou por ajeitar uma mecha de meu cabelo atrás da orelha.

— A gente pode começar contigo me deixando te levar em casa, e então você me convida pra entrar e podemos ficar conversando sobre tudo e nada, como da outra vez.

— Só conversar? — Semicerrei os olhos, perscrutando-o.

— Se for o que você quiser, sim. Mas estou aberto a sugestões, sempre.



O toque de um celular que não era o meu, fez com que eu abrisse os olhos abruptamente, ao me dar conta de que: minha última lembrança da noite anterior era eu sentada no meu sofá com a cabeça escorada no ombro de Luthor enquanto assistíamos um filme na televisão.

Adormecemos ali mesmo, ele e eu.

E ele ainda estava ali, deitado ao meu lado naquele minúsculo sofá. Um de seus braços pendia em minha cintura e o outro estava por baixo de mim...

Dormimos de “conchinha”? Pensei, sentindo as borboletas revirarem no estômago.

Nossa noite foi regada a muita conversa jogada fora e o filme foi uma desculpa para prolongarmos o momento juntos. Mais uma vez não rolou nenhum beijo, ainda assim eu sentia que havia uma forte conexão tentando nos aproximar cada vez mais. Pedimos uma pizza, fiz pipoca de micro-ondas e bebemos algumas long necks de cerveja enquanto eu contava a ele

PERIGOSAS ACHERON

sobre os lugares que gostaria de conhecer e fotografar e ele me falava se já tinha estado lá ou não.

O celular parou de tocar, mas logo em seguida recomeçou. Luthor estava ferrado no sono e precisei chacoalhá-lo nos ombros, e chamá-lo até que finalmente despertasse. Ele olhou em volta, parecendo assustado até que me encarou e, como se recordasse onde e com quem passou a noite, sorriu preguiçosamente.

— Bom dia, Liana. — Sua voz rouca do sono me soava tão sexy.

De pronto me dei conta que devia estar horrível! Cabelos despenteados, olheiras e... mau hálito! Meus olhos quase saltaram das órbitas e levantei-me com pressa, sentindo o rosto

aquecer de vergonha. Provavelmente eu estava ficando vermelha feito um tomate.

— Bom dia, com licença! — Saí correndo rumo ao banheiro e só tornei a respirar quando me olhei no espelho e vi que não estava tão mal assim.

Lavei o rosto, escovei os dentes e penteei os cabelos, prendendo-o em um coque desajeitado. Somente então retornei à sala.

— Você está bem? — Perguntou Luthor, segurando um sorriso divertido nos lábios.

Assenti, meio sem jeito. Droga! Ele havia percebido o quanto me senti constrangida.

— Posso usar seu banheiro?

— Uhum, fique à vontade.

O celular já não tocava e Luthor o deixou em cima do sofá antes de se fechar no banheiro.

Enquanto ele fazia sua higiene matinal, aproveitei para preparar café.

— Usei sua escova de dentes — ouvi a

voz masculina atrás de mim e dei um pulo. Por sorte já havia terminado o café.

— Você se assusta muito fácil, Liana.

Luhtor se aproximou e me encurralou contra a pia, apoiando suas mãos no mármore e inclinando-se em minha direção. Precisei erguer minha cabeça para fitá-lo, pois ele era consideravelmente mais alto. Senti seu hálito mentolado e então me dei conta de que ele tinha acabado de falar comigo.

Umedeci meus lábios com a língua antes de responder.

— Estou tão acostumada a ficar sozinha, deve ser por isso — justifiquei dando de ombros, soltando um longo suspiro em seguida. — Agora que você usou minha escova, talvez eu possa vendê-la no Ebay.

Meu olhar presunçoso fez com que Luthor gargalhasse e o som delicioso da sua voz bem-humorada fez meu coração bater mais forte.

— Ah, Liana... Como posso ir embora se você roubou meu coração? — Seu olhar tornou-se aflito e meu corpo se tencionou.

Eu queria sorrir e me derreter com o fato de ele ter dito que roubei seu coração, mas inevitavelmente foi a notícia de que Luthor iria embora, a me afetar.

— Quando você vai? — Meus lábios estremeceram, mas minha voz não falhou.

— Hoje à tarde. Minha empresária ligou querendo saber onde eu estava. O ônibus da turnê sai logo depois do almoço.

— Ele não desviou seu olhar do meu e quando uma de suas mãos tocou meu rosto, simplesmente esqueci de como respirar.

— Queria ter mais tempo contigo. Conhecê-la melhor, fazer você gostar de mim do jeito que gosto de você e...

— Eu gosto de você, Luthor — peguei-

me dizendo, um tanto emocionada. — Não sei como é o jeito que você gosta de mim, mas... nem sei explicar, eu... só sei que gosto muito de você e é uma pena que precise ir embora.

Ele não disse nada, mas quando seus lábios roçaram nos meus, eu sabia que precisava fazer bom proveito daquele momento. Em um ato de coragem, segurei o rosto de Luthor entre minhas mãos e levantei-me na ponta dos pés para então aprofundar o que poderia ser nosso último beijo, o que era bem contraditório, pois em meu coração eu sentia que de alguma forma a nossa história estava apenas começando.

Havia tanto sentimento naquela dança entre nossas línguas. Era a saudade antecipada, uma despedida forçada, uma porção de palavras não ditas e um desejo insano de que pudéssemos ter mais tempo.

Quando nos separamos, ambos sem fôlego, o olhar penetrante de Luthor encontrou-se com o meu e ali, naquele exato instante, eu soube que ele seria a pessoa mais especial da minha vida.

— Vem comigo, Liana.



5 ANOS DEPOIS...

Quando decidi colocar em uma mochila algumas peças de roupas, meu equipamento fotográfico e todo o dinheiro que eu tinha guardado — o que nem era muito —, nunca pensei que talvez estivesse cometendo a maior burrada da minha vida.

Felizmente eu não estava.

O dia em que entrei no ônibus de turnê, da One Minute Of Paradise, sendo apresentada a todos como a “nova fotógrafa” da banda, ficou registrado em meu coração como o grande plot twist da minha história. Eu estava finalmente me abrindo para novas possibilidades e indo rumo ao meu futuro, acompanhada de um cara que se tornava cada dia mais especial para mim e fez com que eu me sentisse especial também. O medo e insegurança nunca fizeram parte daquela decisão.

Fiz novos amigos, conheci todos os lugares que eu sonhava conhecer e fotografar,

além de muitos outros que sequer imaginei. Aprendi coisas novas, vivenciei emoções nunca antes sentidas e experimentei cores, sabores e aromas de tantas formas e texturas que era impossível memorizar todas. Mas registrei cada momento em minha câmera.

Minha bagagem antes tão pequena, tornou-se infinitamente lotada de boas recordações e aprendizados.

Houve momentos que inevitavelmente as lágrimas fizeram parte dos meus dias, mas até com elas eu absorvi alguma coisa. Aprendi a ser mais forte e a enfrentar meus medos, além de não me intimidar com obstáculos.

Mas o principal, o real motivo de eu ter certeza que fiz a escolha certa, a razão pela qual eu acordava todos os dias com um sorriso no rosto, tinha um nome e sobrenome: Luthor Scott. O homem que estava diante de mim, segurando minhas mãos e encarando-me com os olhos marejados e um sorriso radiante. O homem que estava prestes a me dar seu sobrenome. O homem que seria meu marido até que a morte nos separasse.

— Era só mais um dia qualquer, quando eu tentava ser um cara anônimo passeando por uma cidade nova. Então entrei naquela lanchonete e fui atendido pela mulher mais linda que já vi na vida, vestindo um uniforme de garçone. Seu sorriso simpático, o olhar tímido e a voz doce, eram a combinação perfeita para

atingir meu coração em cheio.

“Tinha um cupido lá, eu tenho certeza. Porque fui flechado e não teve escapatória: apaixonei-me perdidamente.”

“Quando chegou o momento de dizer adeus, soube então que não poderia simplesmente te deixar e colocar o pé na estrada. Por mais que eu amasse o rock e minha banda, não parecia certo abrir mão de você. E por Deus, quando disse que iria comigo pra qualquer lugar do mundo, a certeza de que a gente era pra sempre veio com tudo. E agora você é definitivamente minha, Liana Scott. A garota do milk shake, a mulher da minha vida. Eu amo você.”

— Eu também te amo, meu querido Rock Star.

A vida é feita de incertezas e possibilidades. Nem tudo é cem por cento garantido, mas ter medo de arriscar também pode ser um grande erro.

PERIGOSAS NACIONAIS

7

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

7

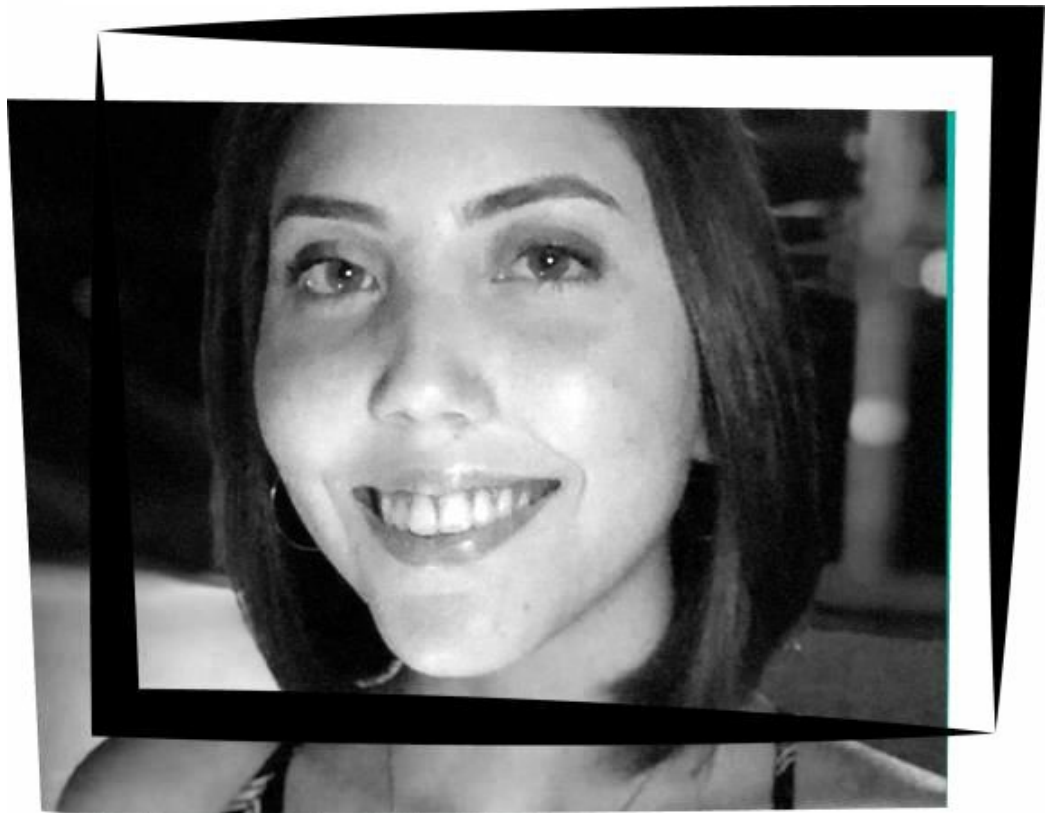
Destino

MARINA STANO DE MACEDO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Marina Stano de Macedo, nasceu em Poços de Caldas(MG), desde sempre apaixonada pelo mundo das palavras. Atualmente possui dois livros no wattpad: Lina More, a cupido apaixonada (um romance) e Exclamações! (um livro de poesias). Ainda cursa o Ensino Médio e sonha com a carreira de publicitária. Se não estiver estudando provavelmente está escrevendo algo, não escreve com a cabeça, mas sim com o coração, cada palavra escrita é um batimento. É também uma das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colaboradoras no instagram literário @_chuvaliterária_.

PERIGOSAS ACHERON

Preparativos

— Acordem primas , quero sair logo!

— Entrou

berrando meu primo Rafael pela porta do nosso quarto que ficava no sótão. Ainda sonolenta joguei um travesseiro para trás, com o intuito de espantá-lo, o que não adiantou, na verdade, só piorou minha situação, já que o "delicado" jogou-o de volta em mim com muita violência fazendo com que me assustasse e caísse do último andar da treliche. A minha outra prima Raphaela acordou gargalhando, assim como minha Irmã mais velha: Margot, mas esta me ajudou a levantar, rio também pra fingir que estava tudo bem, mas minha testa e meus joelhos doíam muito.

— Cai-cai, troca de roupa logo, que vamos ao parque de diversões!

— Quem disse? Hoje é o dia do passeio das garotas! — respondeu Margot firme como sempre.

— VESTIDO DE FORMATURA! —

Rapha, Margot e eu falamos em coro. Rafinha (como carinhosamente chamamos o Rafael, já que o seu pai tem o mesmo nome, pois é a minha família é cheia de "Rafas"), saiu do quarto revirando os olhos.

Começamos a nos arrumar e em meia hora saímos verdadeiras rainhas do quarto. Esta era a maior festa da família, todos os parentes por parte de mãe, é o aniversário do tio dela e caba indo todo mundo para sua casa e passamos um louco e animado final de semana em família. Descemos as escadas e fomos para a cozinha onde todos estavam reunidos.

— Bom dia! Como vão as três mosqueteiras? — perguntou o aniversariante Tio Marcos, ele nos chama assim desde que a Rapha veio de San Diego pro Brasil. Somos

inseparáveis desde então, sou a mais nova das três e Margot, a mais velha, por mais que sejam poucos anos de diferença.

— Esfomeadas! — respondeu Margot, ela é taurina, não era novidade nenhuma que estava com fome, já eu e Rapha, quase nunca sentimos fome.

— Joana, minha formanda mais linda! — meu pai disse me abraçando, trazendo a tona o assunto que não saía da boca de meus familiares: a grande formatura do ensino médio!

Confesso que também estou bem animada pra minha formatura e especialmente pra viagem que a antecede, que vai acontecer daqui a dois dias, vamos passar cinco dias em um incrível acampamento em Florianópolis. E quando voltar terei uma semana para me preparar para a grande festa!

Estou tão radiante com isso que minha tia achou que eu estava grávida, o que é biologicamente impossível, já que ainda sou BV. Já me incomodei mais com o fato de nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

ter dado um mini ósculo se quer, mas hoje nem ligo tanto. E acho que o motivo é que sou romântica demais para ir atrás de um homem. Ou por que uso palavras de pessoas velhas, como ósculo, sem pensar em substituir por beijo para que me entendam. Math, meu amigo diz que isso é bom, pois o dia que eu encontrar alguém que entenda o meu vocabulário provavelmente me casarei com ele.



Passamos uma tarde incrível no shopping, compramos muitas roupas inclusive o meu vestido de formatura — azul- marinho com um decote nas costas, longo e com uma fenda delicada do lado direito, e ainda possuía brilhos por toda a sua extensão que combinavam perfeitamente com meu cabelo

PERIGOSAS ACHERON

Chanel loiro e olhos verdes, — e coisas básicas para minha viagem.

Estou tão ansiosa que chego a ficar nauseada, isso sempre acontece quando algo que quero muito está prestes a acontecer. Infelizmente hoje também é dia de me despedir da minha família, verei eles na minha formatura, mas não vai ser a mesma coisa.

Visto meu short jeans, minha camiseta preta com uns escritos estranhos e minha meia 3/4 de rosas, arrumo minha mala, me despeço de todos, entro no carro junto com meus pais, minha irmã e Rapha, como ainda é muito cedo acabo dormindo por todo caminho até o aeroporto.

nuvens

Depois de um sono calmo, o que não era pra ter acontecido já que vou viajar em menos de duas horas, começo a pular no banco do carro em uma explosão de euforia ao avistar o aeroporto, Margot e Rapha entram na minha vibe e rapidamente estamos lá dentro, nunca viajei de avião antes, estou com frio na barriga, mas a alegria é maior que qualquer possível medo, cada pessoa da minha família carrega uma mala, talvez eu seja um pouco exagerada!

Sinto que estou com rosto de criança em loja de doces, e percebo um clique, Margot e Rapha tiram fotos ao mesmo tempo de minha feição maravilhada! Conforme vamos andando o som de vozes aumenta e em instantes avistamos um grupo de adolescentes de azul, são meus amigos, todos ainda estão com as malas e me choco ao ver que os meninos estão levando mochilas pequenas e me alivio ao notar que tem meninas com mais malas do que eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Entro no semicírculo apertando a bochecha de Math, que sorri ao me ver, dou um meio abraço em Giovana, minha outra amiga, ambos sorriem pra mim e continuam prestando atenção no recado da professora:

— Todos são responsáveis por seus pertences, não serão permitidos meninos e meninas no mesmo quarto, e o mais importante: todos devem participar de todas as atividades! Agora se despeçam de seus pais, peguem suas malas e organizadamente vão até à esteira!

Math corre ao encontro dos meus pais, ele os adora e é um sentimento recíproco, às vezes meu pai o chama de filho, o que me deixa um pouco enciumada, mas, ao mesmo tempo feliz Math é incrível! Gentil, se preocupa mais com os outros do que consigo, ama abraçar e ama amar! Seu cabelo castanho ondulado sempre bagunçado de forma perfeita é mais hidratado que o meu! Ele é alto e com uma pinta no pescoço, apaixonado por basquete e um dom incrível pra desenho!

Eu e Gi estamos atrás falando sobre nossas expectativas sobre os garotos de lá, imaginamos deuses gregos e até em nossos casamentos, o que é meio idiota já que nada acontece de verdade, ela acaba ficando com um monstrinho e eu segurando vela, e me sentindo péssima por ter acreditado em algo que sabia ser impossível de acontecer, mas o meu coração sonhador e esperançoso sempre acredita!

Despedimo-nos da minha família, foi um abraço apertado de cada um e escuto novamente o sermão de mãe, mas não apenas dela Margot, Rapha e meu pai ajudam:

— Não deixe seu copo sozinho, seja organizada, tente se manter virgem, senão use camisinha... — Sim disseram isso na frente dos meus amigos e de pessoas aleatórias que passavam rindo da desgraça alheia.

Saímos em direção aos pais e do irmão (Gato) de Math. Cumprimento seus pais com um abraço caloroso, tenho muito carinho por eles, e dou um beijinho na bochecha de Maximiliano, Max para todo mundo, porque até falar esse nome o mundo acaba. Max é lindo, a beleza da família foi depositada ali e a burrice também infelizmente, ele tem um corpo atlético, olhos azuis e cabelo loiro, o meu número pena que: — Fala, rapaziada, se divirtam por noiz lá em!

Corrijo a frase mentalmente: "Olá, amigos, divirtam-se por nós em Florianópolis!". Fico fazendo cara de paisagem enquanto Max faz um discurso totalmente fora da norma da língua portuguesa. Despedimo-nos dos pais de Matheus, como o pai dele o chama, na verdade só eu e Gi o chamamos de Math, por ele amar matemática e odiar o seu nome!

Passamos rápido pelos pais da Gi, eles ainda não são muito próximos de nós, a Gi é minha amiga há apenas um ano, quando se

mudou de São Paulo para Poços de Caldas, minha amada e florida cidade!

Chegamos à esteira e colocamos as malas, segui a minha mala azul até a portinha e a vi desaparecendo em meio a outras. Após todos terem dito tchau para sua mala fomos ao portão de embarque, eu queria sair correndo na frente de todos para poder chegar logo no avião, mas, ao mesmo tempo queria parar no meio do caminho para não ter que entrar lá, estou sentindo a exata mistura de medo e adrenalina feliz, tenho certeza absoluta que todos os meus colegas já tinham viajado de avião, exceto eu, e acho que é bem perceptível, pois, percebo vários olhares para cima de mim, conforme vou ficando pequena perto do avião a minha vontade é gritar de felicidade, mas me contenho, piso com a sola do meu All Star preto nas escadas me sentindo um pouco enjoada, Math dá um empurrãozinho nas minhas

costas pra me encorajar e sigo para a fileira com três cadeiras e sento na janela, e coloco o sinto de segurança.

Várias pessoas acomodam-se algumas tranquilas e outras tão preocupadas quanto eu, adoro analisar como cada um reage a uma situação tecnicamente igual. Alguns alheios, outros ansiosos, outros com sono, cada um com uma reação única, são desses momentos que percebo o quão linda é a vida, cada um faz e pensa uma coisa, mas sem o outro nada faz sentido.

As aeromoças fazem a demonstração do que fazer em casos de emergência, espero que não aconteça, pois, não prestei muita atenção, de repente todos começam a colocar o sinto e o piloto diz que vamos decolar, fiquei um pouco desesperada e cravei minhas unhas em Math, e ele nem reclamou, mas pegou a minha outra mão e segurou me dando uma segurança incrível, Gi estava bem plena analisando o catálogo de filmes, ela vive mais em um avião

PERIGOSAS NACIONAIS

do que as aeromoças! Passadas algumas longas horas começo a sentir conforto e acabo dormindo.

PERIGOSAS ACHERON

Acampamento

— Joanelha! Acoraa! Joana! — sinto os delicaaos chacoalhões ae Gi.

Abro os olhos e percebo que aaos estão levantaaao-se, levo alguns segundos para perceber que chegamos. Demoram uns 10 minutos para que finalmente possamos aaar o chão! Saímos aa aeroporto e fomos até o acampamento, é aaoo, cheio ae aaerde. Quando aaeci aa ônibus aaistei uma aaande aaonstrução ae aaeeira aaeeaa por aaonstruções aaenores e percebo que a aarente aa mais aaasaaas, e aaiaa é possível aaer a aaonta ae um enorme aaobogaã.

— Silêncio! — Priscila, a supervisora mais amorzinho de todas, fala cantando. — Vou entregar pra vocês as chaves dos quartos, depois vocês pegarão suas malas e seguirão os monitores até ele!

Eu e Gi ficamos no mesmo quarto que Izadora e Flávia, infelizmente, Izadora não é uma grande fã minha e tenho que dizer que é recíproco! Damos um sorriso falso uma pra outra e Gi ri, ela adora a minha cara de falsa, segundo ela meu rosto não esconde nada.

Caminhamos por uma trilha de cascalho até um chalé, uma casinha de madeira pequena, com o número 4 em dourado na porta, a inspetora Clara nos explica como funcionam as atividades:

— O banho é de apenas 10 minutos, exatos, a água esfria depois disso. Cada uma tem a sua chave, não a percam, pois o acampamento não dará outra! O horário está pregado atrás da porta, não se atrasem para as atividades, caso contrário serão punidas. Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

acordarei vocês todos os dias as 6:00 da manhã em ponto. Minha cabana é a 1 qualquer coisa que precisarem é só bater lá! Arrumem as suas coisas e em meia hora nos reencontraremos no refeitório! — Ela dá um sorriso e abre a porta de nosso quarto, quando entramos ela acena e segue com outro grupinho.

Ao entrar vemos dois beliches, uma em cada canto, um guarda-roupa bem grande todo de madeira, uma porta, que deve ser o banheiro e uma grande janela, eu a abro e a vista é incrível, vemos algumas cabanas abaixo de nós e duas lindas colinas, dou sorriso agradecido e a fecho. Decidimos com que cama cada uma ficará, Izadora e Flávia ficam com a perto do banheiro, eu e Gi com a perto da janela.

Peguei então minhas malas e arrumei a minha cama, um lençol de elástico azul, sob um cobertor de pelinhos roxo, e o

PERIGOSAS ACHERON

meu travesseiro de sempre na fronha de bulldog inglês, Timóteo para ser mais exata, meu cachorro já de idade. Cada uma de nós fomos ao banheiro e depois saímos rumo ao refeitório, e vou rezando internamente para que a comida seja boa!

Ao chegarmos à enorme construção de madeira percebo uma fila muito grande, e uma poluição sonora maior ainda, vejo Math e aceno para ele que então vem ao nosso encontro, perdendo seu lugar na fila, estava prestes a pegar comida, mas ele disse que prefere ficar conosco a ficar esperando sentado.

Depois de um longo, muito longo mesmo, tempo na fila chega minha vez de pegar a comida, tinham muitas frutas, pães e um bolo de chocolate com cobertura que parecia estar divino, obviamente peguei-o e peguei também uma lata do refrigerante mais famoso por aqui Berry's sabor guaraná, o meu favorito! Enquanto caminhava cuidadosamente com a bandeja eu o vi, simplesmente paralisei um

pouco antes de me sentar, meus olhos não piscavam e meu coração batia em um ritmo diferente, e percebi que ele também paralisou, só me movi, quando simultaneamente um amigo dele o puxou e Math estralou os dedos. Pisquei os olhos como se estivesse saindo de um transe.

— D'arc, está tudo bem? — Math me perguntou, ele me chama de D'arc quando está preocupado comigo ou quer ser fofo (o que é quase sempre). E ao dizer isso foi acompanhando meu olhar e descobriu o motivo do meu congelamento.

— Hmmmm. Mal chegamos e alguém já arrumou um crush...

— Ahn? Ahh. — Ruborizei na hora. — Sendo bem sincera, esse é o garoto mais lindo que eu já vi!

Era um rapaz alto, de cabelos longos, mas não longos de mais, no ombro, mandíbula definida, olhos azuis e corpo de nadador. Eu preciso descobrir o nome dele!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Terminamos de comer e fomos para um jogo em equipe, cada pessoa teve que se apresentar e depois a equipe fazia seu grito de guerra. Nem sei qual foi o da minha, meus olhos estavam entre a árvore e a mandíbula perfeita do Leonardo, descobri o nome dele por causa das apresentações, santa apresentação!!!

Acabamos as atividades e era hora do banho, fomos para o quarto e tomei o banho mais rápido da minha vida e consegui lavar o cabelo, acho que não vou contar isso pro meu pai, se não ele vai me expulsar do banheiro! Fui a primeira a tomar banho, já que cheguei primeiro que Izadora, quando saí ela estava de cara feia por não ser a primeira, acredito que era por isso que ela me odiava tanto, queria ser melhor que todos em tudo, mas eu ganhava dela em tudo que envolvesse redação ou criação de imagens para divulgação de eventos da escola, a diretora sempre me pedia pra fazer essas coisas e adoro isso, é um jeito de treinar par minha futura profissão: publicitária.

PERIGOSAS ACHERON

E eu não gosto de Izadora por dois motivos: além de ela ter feito Math sofrer, eles namoram no primeiro ano e ele ficou muito mal quando descobriu que ela o traia com o nerd da sala, só para o garoto fazer as tarefas dela. E porque ela sempre zoa alguém diferente, bati de frente com ela diversas vezes por zoar Gi pelos olhos puxados, e por zoar outras pessoas da minha sala. Definitivamente ela odiava ser contrariada ou ficar em segundo lugar, mas, no fundo tenho dó dela, acho que o único jeito que consegue a atenção dos pais.

Como chegamos à parte da tarde, hoje não haveria festa, então após o banho cada dupla foi para sua cama, enquanto Izadora tomava banho conversamos com Flávia e isso fez com que elas brigassem, e Fla resolveu sentar na cama em que Gi e eu conversávamos sobre o Instagram do Shawn Mendes e discutíamos como seria o casamento perfeito com ele, mas Fla

PERIGOSAS NACIONAIS

não tocou no assunto da briga e saiu de perto de nós apenas quando não estava mais aguentando de sono.

PERIGOSAS ACHERON

perfeito

Como prometido fomos acordadas às 6 da manhã e não paramos um segundo se quer, foram muitas atividades direcionadas durante o dia e no final da tarde todos foram para os seus quartos para se prepararem para o sarau que aconteceria às 19:30, já havia preparado alguns poemas meus para serem lidos, mas não sei se teria coragem, sou bem aparecida, mas meus poemas são todos dedicados ao Leonardo Mendes — que tem trinta fotos no Facebook, quinze no Instagram e ama carros e bulldogues, com certeza o homem da minha vida — tenho medo que ele se reconheça e de me decepcionar caso contrário.

Mas em todo caso, coloquei minha saia rodada preta, uma blusa com o trecho de uma música que estou apaixonada, meia pra cima do joelho de girassóis e meu All Star preto, fiz uma maquiagem básica e treinei meus melhores sorrisos. Gi e eu estávamos prontas às 19:00 e

resolvemos ir encontrar Math e seu novo amigo e colega de quarto, chamado Joca, na verdade esse é seu apelido, mas não faço ideia do verdadeiro nome.

Acabei dando o meu nome para Clara que estava organizando as apresentações, mas ainda não o vi e eu procurei bastante em cada milímetro do salão, ali aconteceriam todas as festas ou eventos noturnos. As apresentações começaram e eu ainda não o tinha achado, na terceira apresentação eu o vi, todo tímido subindo ao palco segurando um violão preto, ele vestia uma camiseta branca simples e uma calça jeans escura, e claro estava usando um All Star preto, já ouviu uma expressão que

diz: “Você pode saber como a pessoa é por seus sapatos.”, vou te dizer, as com All Star são as melhores!

Nas primeiras notas reconheci a música, eu tinha falado no dia anterior para o amigo de Math que aquela era a música favorita da minha vida, será que ele fez isso pra mim, ele estava a uns dois passos de nós na atividade, claro que não, a música é realmente muito boa ele só deve gostar dela também. Ao terminar sua performance magnífica de Life of the party do Shawn Mendes, todos pedimos bis e Clara deixou mais uma música e ele escolheu a minha segunda música favorita e eu também falei dela ontem, deve ser apenas coincidência, cantei junto com ele um clássico da banda Legião Urbana: Mais uma vez, claro que cantei timidamente enquanto ele cantava como um verdadeiro astro.

Após a música terminar todos aplaudimos de pé e meu nome foi chamado. Cruzei com ele no meio da escada e trocamos

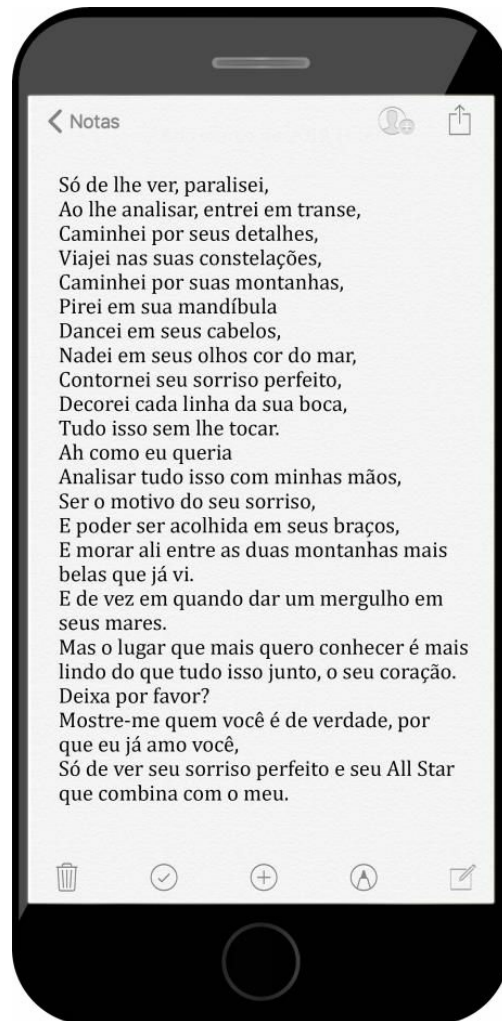
sorrisos, ele parou de lado e estendeu a mão para me ajudar a subir os outros degraus, eu aceitei e em seguida cochichou:

— Espero que tenha gostado do repertório! — deu um sorriso torto e perfeito, como fazia quando desviava o olhar. Retribuo o sorriso e não consigo falar mais nada, pois, já cheguei ao palco.

Seguro meu celular tremula e pego o microfone.

— Boa noite! Vou apresentar um poema de minha autoria. — Olho pra plateia e encontro aqueles olhos azuis e começo a recitar. — Ele se chama Sorriso Perfeito.

PERIGOSAS NACIONAIS



Quando terminei muitas palmas tomaram conta do salão, agradei e olhei pra ele, que deu aquele sorriso torto e perfeito, retribui e descii do palco. Muitas outras excelentes apresentações foram feitas, e depois todos puderam ficar “livres” até o jantar, que hoje foi servido um pouco mais tarde do que o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

combinado.

Enquanto saía junto com a multidão
senti um toque delicado e cuidadoso em meu
braço, quando olhei era ele,

PERIGOSAS ACHERON

fazendo um sinal para que eu me aproximasse, andei contra a multidão depois de avisar Math, e fiquei cara a cara com ele.

Eu tinha um viveiro de borboletas em meu estômago, e verdadeiras cachoeiras em minha mão, ele deu aquele seu sorrisinho e se apresentou, e eu fiz cara de quem não sabia de nada, mas, na verdade sabia o nome da família inteira dele, e esticou a mão como um cumprimento casual.

— Joana Rogers, sim meus pais são fãs de heróis. — minha mãe de heróis reais e meu pai de heróis de quadrinhos, mas preferi guardar essa parte pra mim, mal conheci o garoto e já vou ser estranha aí não dá, se bem que eu disse que o amava na frente de um monte de gente e nem tinha falado direito com o garoto.

— Nome bonito, assim como você!

Ruborizei na hora, percebendo minha vergonha Leo, como o mesmo havia pedido para chamá-lo, emendou outro assunto.

— Então você é poetisa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah mais ou menos. — tentei ser modesta, mas a verdade é que sou sim poetisa e tenho até um livro em uma rede social literária.

— Mais ou menos nada, você escreve muito bem! E enquanto você recitava percebi o quão sincera é. — e mais uma vez aquele sorriso surgiu no rosto inigualável. — Mas sabe, eu também me arrisco um pouco em poemas e poesias, mas sempre acabam virando musicas que apenas eu e meus cachorros ouviremos.

— Hmm então além de cantar e tocar violão ainda é poeta, garoto prendado você.

— E também cozinheiro! — é o homem da minha vida mesmo. E aqui estou me iludindo mais uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

Agora já estávamos sozinhos no salão, Clara tinha visto e apenas disse juízo e para apagarmos a luz quando formos para outro lugar e nos deixou sozinhos.

— Vamos para o palco, quero te mostrar uma coisa. — ele disse seguro, como se conhecesse cada canto daquele lugar, porém, creio que ele conheça tão pouco quanto eu.

Concordo e o sigo, nos sentamos na beirada do palco, ele de perna cruzada e eu com as pernas esticadas e fiquei balançando-as. Ficamos um tempo falando sobre tudo, cores favoritas, família, religião, maçonaria (ele é Demolay e eu Arco-íris casal maçônico lindo, o que eu sempre sonhei), cachorros, poemas e musicas.

Descobri que ele tem um Buldogue chamado Teodósio e uma Pitt Bull chamada Pitty, tem um casal de irmãos gêmeos, a Beatriz e o Bernardo, seu pai é muito seu parceiro, e a mãe tenta, mas ele não se sente muito a vontade com ela, e que ele mora na praia, Guarujá para

PERIGOSAS NACIONAIS

ser mais exata e disse que eu seria bem-vinda em sua casa sempre que precisasse.

Ele pretende cursar Medicina Veterinária em São Paulo, mesma cidade que quero cursar Publicidade e Propaganda. Temos muitas coisas em comum, quando entramos no assunto poema ele recitou um que havia escrito para mim, depois cantou minhas músicas favoritas, ele foi se aproximando e senti que seria o momento perfeito e romântico para perder o BV, mas uns garotos entraram gritando e atrapalhando o clima.

Sáímos do salão e fomos até o refeitório onde estava sendo servido o jantar, macarronada, meu dia estava deveras perfeito. Leo e seus amigos juntaram-se a mim e aos meus amigos, conversamos muito e depois fomos para os quartos, eu e Leo, fomos mais atrás, ele perguntou-me se poderíamos nos encontrar amanhã, respondi que claro com as bochechas em um tom escarlate e meu coração em ritmo heavy metal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Será que agora vai?

Mais uma vez a rotina maluca se iniciou, fizemos coisas radicais e comemos muito, afinal hoje é dia de festa a fantasia, a minha já estava decidida há muito tempo, para homenagear a pessoa que minha mãe tirou o meu nome, Joana D'arc, resolvi ir de princesa que não precisou de príncipe, que se defendeu sozinha do dragão, coloquei um vestido longo preto com decote nas costas, amarrei uma espada de brinquedo na cintura e prendi meu dragão de pelúcia como uma bolsa, por que posso derrotar um dragão, mas na moda em primeiro lugar!

Leo foi até meu quarto para irmos juntos para festa, ele estava vestido de cavaleiro, lindo como sempre!

— Uau acho que cheguei um pouco tarde para defender a princesa. — ele disse com aquele sorriso.

— Talvez, mas o próximo à gente derrota junto.

— Acho justo! — ele entrelaçou nossas mãos e beijou a minha delicadamente.

Saímos e fomos para o lugar que aconteceu o nosso quase beijo e eu torcia para que acontecesse hoje, pois só teríamos dois dias para ficarmos juntos. Então quando estávamos quase chegando ao salão ele parou perto de um pequeno jardim, repleto de florzinhas e embaixo de um poste.

— Ontem aqueles garotos atrapalharam nosso momento, o que achei que foi bom, já que eu não havia perguntado se você queria aquilo, e eu não quero que faça algo que não queira. — ele ruborizou — Então Joana Rogers, você aceita que eu lhe de um ósculo?

Ele realmente disse ósculo? Eu não acredito que demorei 17 anos para achar o homem da minha vida, para passar apenas cinco dias com ele. Mas sabe, acredito em destino e se Leo for mesmo a pessoa destinada a viver sua vida comigo,

o destino se encarregará de nos colocar no mesmo lugar novamente.

— Leonardo Mendes, você pode me dar um ósculo!

Ele deu um sorriso ainda mais bonito do que o normal, colocou as mãos em minha cintura, e foi me puxando para perto dele, nossas respirações estavam se mesclando, ele encostou seus lábios nos meus, eu apenas repeti os movimentos dele de forma espelhada. E foi bom, muito bom, na verdade foi maravilhoso. O primeiro de muitos que aconteceram naquela noite.

Ele me levou até o meu quarto, levamos uns dez minutos para nos despedirmos, mas conseguimos, não via a hora de chegar amanhã para aproveitar cada segundo com ele. Já tínhamos o telefone um do outro, mas sabia que não seria a mesma coisa, ele mora a 367,3 km de distância, seria praticamente impossível nos vermos e tem a faculdade também, talvez até mudemos de país, por isso queria aproveitar

PERIGOSAS NACIONAIS

cada milésimo com Leo.

PERIGOSAS ACHERON

Inacreditável

— Atenção! Todos os alunos, peguem suas malas o mais rápido possível. Caminhem em fila indiana até o estacionamento. E não passem perto do refeitório em hipótese alguma! — Essas frases se repetiam nos alto-falantes, fazendo com que todos se desesperassem.

Fizemos o que estava sendo pedido, mesmo que ainda fossem 3 da manhã, tínhamos dormido apenas duas horas. Desviamos do refeitório, mas não apenas dele, haviam outros quartos pegando fogo! Incluindo o de Leo, será que está bem? Tentei ir em direção do seu quarto, mas Gi me segurou, o fogo estava quase chegando a nosso quarto, saímos correndo por

medo do fogo nos atingir. Não corremos muito e Izadora começou a ter uma crise de asma e não achava o remédio, paramos e fiz umas massagens que às vezes tenho que fazer em Margot, enquanto Flávia e Gi procuravam o remédio. Izadora se acalmou e tomou o remédio, e agora resolvemos ir andando, se Izadora desmaiasse não conseguiríamos carregá-la. O acampamento estava um verdadeiro caos. E o meu coração apertado por não saber se Leo estava bem.

Depois de algum tempo chegamos ao estacionamento, colocamos nossas coisas no ônibus, antes de entrar tento encontrá-lo, mas não o vejo, está escuro e tem muitas pessoas ali. Sento-me ao Lado de Math que está totalmente desnortado de sono, mas que mesmo assim percebe que estou preocupada.

— Ei D’arc, o que foi?

Começo a explicar a situação, mas sou incapaz de terminar, pois, as lágrimas escorrem frenéticas por minhas bochechas e um enorme

nó se forma em minha garganta. Math me protege em seu abraço e me oferece água, mas nada resolve. Como uma pessoa se torna tão importante em poucos dias?

— Liga pra ele Joana! — olhei sem entender, por que Izadora seria legal comigo? Parecendo ler meus pensamentos ela prossegue. — Você me salvou hoje, lhe devo uma! Você tem o celular dele, tenho certeza, liga para ele, certeza que Leo está bem.

Dou um sorriso e sigo o seu conselho, mas para minha surpresa, ele não atendente. E as lágrimas que haviam cessado, voltaram a descer por meu rosto, eu nem conseguia respirar direito. Ouço alguns zunidos, provavelmente pessoas tentando me acalmar, mas não conseguia prestar atenção, tudo que está em minha cabeça agora são os momentos que estava com Leo e a possibilidade de ele estar incinerado. Meus pensamentos borbulham tanto que acabo dormindo.

Pegamos o primeiro voo disponível para São Paulo e somos obrigados a dormir lá, a escola vai pagar o nosso hotel aqui, mas estão todos muito abalados. Liguei mais quinze vezes para Leo e nada, então começo a aceitar que realmente ele morreu com o fogo, para não sofrer mais, eu bloqueio todas as redes sociais dele, para não correr o risco de querer stalkear ou esbarrar em alguma foto dele.

Finalmente chegamos a Poços e somos recebidos pelos braços aflitos da família, em um primeiro momento não falo nada sobre o acampamento, mas assim que chego em casa jogo todos os detalhes na minha família, e não controlo as lágrimas, ainda é muito recente para eu fingir ser forte. Meus pais e minha irmã me acolhem no nosso tradicional abraço Rogers, é o abraço que todo mundo se acolhe, sempre que eu caia, ou meu pai ficava estressado, ou que minha mãe estava cansada, ou que Margot se desesperava, ou quando precisávamos um do outro, nós nos abraçávamos e ali naquele abraço

eu senti que tudo ia ficar bem, Timóteo invadiu o abraço para me ver, fazia muito tempo que não me via, dei um abraço nele e fui para o meu quarto guardar as roupas não utilizadas e colocar para lavar as que havia usado.

— Posso entrar?

— Claro Ma! — tentei sorrir.

— Sei que você não está bem para falar disso, mas chegaram muitos resultados de faculdade, sim eu dei uma mexida no seu e-mail. E acho que você deveria abrir. Porque eu estou louca de curiosidade para saber onde minha irmãzinha vai morar pelos próximos cinco anos.

Sorri de verdade e peguei o notebook, deixei o da faculdade de São Paulo por último, era a que eu mais queria. Abri 9/10 e-mails e tinha passado nas 9, Margot comemorava comigo, abri o último e-mail receosa, li primeiro em voz baixa.

— NÃO ACREDITO! EU PASSEI!
E AINDA GANHEI BOLSA DE 100%!!! — saí
pulando, Margot pulou comigo, desci as escadas
e contei para os meus pais que também saíram
pulando, a casa inteira estava em festa. Aquilo
realmente me animou, eu ia realizar meu sonho
e cursar a melhor faculdade de publicidade do
Brasil!!!!

Formatura

Finalmente o dia que oficializa a minha saída do ensino médio chegou! Meu vestido estava lindo, minha maquiagem perfeita, meu cabelo exatamente como eu queria, queria que Leo me visse assim. Mas pelo menos toda minha família está comigo. Faço o meu pequeno, gigante, discurso e é impossível não me emocionar, passei três anos com essa turma e consegui fazer amizade com todo mundo, éramos uma verdadeira família, todo mundo se ajudou, especialmente para os vestibulares, a melhor sala, todos concordavam, éramos os que mais se animavam para fazer tudo. Fiquei pensando como vai ser ano que vem, sem os abraços matinais de Math, sem as fofocas de Gi, sem as piadas de George, sem os espirros de Marcus, sem cada uma dessas pessoinhas respirando o mesmo ar que eu. Vai ser uma nova vida, completamente sozinha, mas eu dou conta, nada vai me fazer desistir de meus sonhos. Despedir dos meus colegas não foi fácil,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas fizemos uma promessa, sempre tentaremos
nos encontrar.

PERIGOSAS ACHERON

Dois anos depois

Já fiz muitos amigos, e tenho certeza que Publicidade é a minha vocação, sou a melhor aluna da sala, por isso fui chamada para ser a mestre de cerimônia da primeira feira

“Profissões Dependentes”, todos os alunos de todos os cursos vão participar, a ideia é mostrar que não existe uma profissão máster, que sem ela ninguém vive, todas as profissões são igualmente necessárias, todas têm uma questão de dependência, nesta semana teremos várias palestras, mas hoje o dia de abertura: alunos, professores e profissionais farão apresentações sobre os seus cursos.

Subi no palco, de macacão preto, que me deixou muito elegante, me apresentei e a primeira apresentação, os meus amigos da PP que apresentariam juntamente com os alunos da engenharia da computação o novo programa de edição, feito sob medida para publicitários. Enquanto estava no canto do palco, comecei a observar a plateia, estava totalmente lotada, reconheço alguns amigos e aceno.

Minha pressão cai e sinto a mesma sensação da primeira vez que vi Leo, mas dessa vez foi como ver um fantasma. Sinto que vou desmaiar, mas não posso preciso falar com ele,

fixo meu olhar no garoto, está quase no final da primeira apresentação e vejo que ele se direciona até a saída lateral, preciso falar com ele, aviso o meu professor que não estou bem e preciso de um ar, saio correndo.

— Leonardo Mendes? — falo ofegante.

Ele se vira, está diferente, de cabelos curtos, um rosto mais adulto, mas ainda sinto o mesmo que senti naquele refeitório, dia antes do acidente.

— Sim. — A sua feição também é de choque. — Joana Rogers?

— Ai meu Deus você está vivo! — Vou para perto dele e o toco, sim ele está vivo. Ele me abraça e choro, passei dois anos, achando que o amor da minha vida estava morto.

— Ei, está tudo bem! Você realmente achou que eu estivesse morrido?

Sentamos-nos no banquinho que tinha ali perto, e expliquei toda a história.

— Eu não te atendi porque o meu celular ficou no meu quarto, e depois eu tentei entrar em contato com você pelas redes sociais, mas me bloqueou, e eu achei que tinha ficado com raiva de mim. Em todos esses dois longos anos sem falar com você, eu me perguntei todos os dias o que tinha feito, em que eu tinha errado, fiz inúmeros poemas, músicas e cartas, mas não sabia como te enviar. — Ele está tão abalado quanto eu.

— Eu, eu... Sinto muito. — Digo envergonhada, não devia ter bloqueado as redes sociais.

— Tudo bem. — Ele me abraça de novo. — O que importa é que agora, eu estou aqui, e você também. O destino quis que ficássemos juntos, então devemos aproveitar cada segundo agora.

— Você tem razão. Você está solteiro?

Ele assente com a cabeça, e eu o beijo,

como eu fiquei com vontade de fazer em dois anos. Paramos para respirar e sorrimos, crio coragem e digo:

— Leonardo Mendes, passei anos pensando que estivesse morto e não posso perder a oportunidade de lhe ter sempre comigo, por isso, você me aceita como sua namorada, mesmo que eu tenha mudado um pouco, e que eu seja muito ansiosa e especialmente, se tudo der certo, aceita o meu desejo de ter quadrigêmeos? — ele deu aquele sorriso perfeito e disse:

— Joana Rogers, eu lhe aceito como minha namorada sobre as condições de que, você aceite que eu também mudei um pouco, que você continue me amando mesmo depois que cortei o cabelo que você tanto gostava, e que você me deixe escolher o nome de dois de nossos quadrigêmeos.

— Combinado! — sorrio e selo nossas promessas com um beijo.

Pode até ser meio maluco, mas o que sinto por ele é muito intenso e esse sentimento não mudou nada nesses dois anos, talvez isso dure para sempre ou apenas duas semanas, mas pelo menos não vou me arrepender de ter deixado o possível amor da minha vida passar correndo entre os meus dedos sem ter tentado.

Voltei para dentro e participei das outras apresentações com um enorme sorriso no rosto. No final tudo dá certo, mesmo que demore um pouco, mesmo que soframos por isso, o amor sempre vence.

Saímos do salão e fomos tomar sorvete, tínhamos muitos assuntos para colocar em dia, poemas para serem recitados e musicas para serem cantadas.

A Leonardo Mendes dedico esse capítulo, príncipe que aceitou batalhar comigo.

Durante a minha vida tive inúmeros momentos inesquecíveis, em cada fase um

momento; mas o mais importante que descobri é: a pessoa que está com você faz esse momento durar por toda a eternidade em sua mente. E Leo participou de todos os meus momentos inesquecíveis, quase todos na verdade, há alguns que vivi com a minha família, mas o meu top três de melhores momentos ele estava ao meu lado. Momentos inesquecíveis nada mais são do que dias passados com quem amamos.

*Momentos: dias,
minutos, segundos Ainda
me lembro do segundo que
te conheci*

*Lindo, fofo,
perfeito
Feito para
mim.*

*Momentos: dias,
minutos, segundos Sempre
lembrarei do dia do nosso
casamento*

*Meu coração acelerado, rosto
maquiado, vestido de princesa. Eu e
você, juntos e felizes, empolgados
com a nova vida.*

*Momentos: dias,
minutos, segundos Jamais me
esquecerei dos minutos de
dores alegres*

*omento em que as quatro pessoinhas mais
desejadas vieram ao mundo.*

*Meus, nossos quadrigêmeos: Valentina,
Miguel, Maria e Lucas.*

*Momentos: dias, minutos, segundos
Cada momento inesquecível vivido
ao seu lado, meu Amor Cada
segundo com você é único e sempre
será!*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Parte
de Mim*

NAYLANE SARTOR

PERIGOSAS ACHERON



Naylane Sartor, ou simplesmente Nay é Escritora gaúcha apaixonada por animais e violino, fanática por livros, HQs, filmes e séries. Torcedora assídua do time de Futebol Americano Denver Broncos. Já lançou dois contos em duas antologias: Eu, Você e o Amor com o conto Uma Chance para nós Dois, pela editora Illuminare e Momentos Inesquecíveis, com o conto Parte de Mim, pela Editora Essência Literária.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Três Anos Depois

Oscar 2018 , como poderia esquecer aquela noite, os atores e atrizes premiados, cada apresentador dando o melhor de si, cada agradecimento repleto de sentimentos e emoções, o glamour de uma noite que ficou marcada para sempre na minha vida.

Posso citar N's motivos e situações, que manterão aquela noite gravada na minha mente para sempre, cada vez que deitar na cama e fechar os olhos, reviverei aquele momento.

Lembrarei como se fosse hoje a primeira estatueta que recebi, o primeiro olhar, sorriso, que troquei com ele.

Se nos dias de hoje me contassem que encontraria minha alma gêmea na minha primeira premiação, que eu não levaria para casa somente um Oscar, mas o homem que completaria minha vida, diria que estavam loucos.

Mas aqui estou eu, alguns anos depois

olhando para ele, brincando com nosso filho no jardim, e não posso deixar de sorrir, principalmente quando Hunter encontra meu olhar e vem ao meu encontro.

“Pensando no que Baby?”

“Na noite em que nos conhecemos”

Respondo rindo, quando ele me puxa para perto e me beija, derreto contra seus braços e abro os lábios para recebê-lo melhor, e o deixo aprofundar o beijo, nunca cansarei de beijá-lo, tê-lo perto de mim, seu coração batendo no mesmo ritmo que o meu.

Conhecê-lo e amá-lo foi uma das melhores coisas que já aconteceram na minha vida. Quando nos afastamos, sem fôlego e sorrindo, Hunter segura meu rosto nas mãos e o levanta

encarando meus olhos, ele passa o polegar pelo meu lábio inferior e sorri.

“Nunca irei esquecer aquela noite Baby.”

Olho em seus olhos verdes e enxergo todo o seu amor refletindo neles e sei no fundo do meu coração que ele está falando a verdade.

Pego sua mão e o levo de volta para nosso filho, nos sentamos no chão junto dele, aproveitando seus primeiros e melhores anos de vida.

Sei que tenho muito para viver ainda, mas ao lado deles, dos meus dois amores, do Hunter e do Justin enfrentarei tudo de cabeça erguida, conquistarei muito ainda, mas acima de tudo saberei todos os dias da minha vida, ao dormir e ao acordar o que é ser amada, ser companheira de um homem que moveu mundos e fundos para provar seu amor por mim.

A noite dá 90º Edição do Oscar, foi só o pontapé inicial de uma longa e linda história de amor, que só tende há crescer cada ano mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

2018

Respira fundo Annabeth, não pira, é só o primeiro de muitos, penso enquanto tento me acalmar. Faltava mais ou menos meia hora para a premiação do Oscar começar ao vivo para o mundo, estava sentada na quinta fileira dos principais assentos do Teatro Dolby.

Para onde quer que eu olhe, só encontrava: cantores, atores e atrizes, produtores, diretores, grandes nomes de Hollywood, me sentia um peixe fora d'água sentada naquele lugar.

Mas o filme que havia protagonizado, por algum milagre foi indicado para várias categorias e aqui estava eu, mais

nervosa que um Pinscher esperando meus colegas de elenco, diretor e produtores, todos que integravam e deram vida ao filme.

Respiro fundo pela milésima vez e encaro o palco, foco meu olhar na decoração, nas pessoas da Academia correndo para lá e pra cá arrumando os últimos detalhes para a premiação até que encontro os olhos nele novamente.

Aqueles olhos verdes inconfundíveis, podia senti-los me seguindo desde lá de fora, nunca havia visto aquele homem antes, não saberia dizer se era ator ou cantor, se alguém me perguntasse.

Mas não podia negar que aquele olhar, desde o primeiro momento havia mexido comigo.

Desvio os olhos dele, quando escuto a campainha do Teatro soando e todos os presentes começam a se ajeitar em seus lugares, procuro pelos meus colegas de elenco e os encontro se aproximando de mim. Hoje era uma

grande noite para todos nós.

Camille e Anabelly se sentam cada uma do meu lado, havíamos gravados várias cenas juntas e acabamos nos tornando grandes amigas, éramos todas iniciantes nesse mundo extenso de Hollywood, não sabíamos o que nos esperávamos quando saímos da Universidade.

Camille e eu tínhamos agentes, eles cuidavam de toda a parte burocrática desde acessória de imprensa, investimento em ações, marketing e valores de imagem, até os testes disponíveis para filmes, séries e curtas-metragens, o que tirava uma grande carga de nossas costas.

Entretanto Anabelly não teve a mesma sorte que nós e batalhou desde cedo por seu sonho, correndo atrás de testes disponíveis para projetos de baixo orçamento, diretores e

produtores interessados em atrizes iniciantes, até que conseguiu seu primeiro papel junto de nós no filme Smiley.

Escuto a contagem regressiva, algumas luzes se apagam enquanto outras se acendiam, a orquestra começa a tocar e o apresentador daquela edição sobe ao palco: James Karmel.

Graças a Deus, ele conseguiu com seu sarcasmo natural aliviar um pouco do meu nervosismo. Seria uma longa noite, até às quatro indicações que Smiley recebeu, a premiação recém tinha começado e não sabia se eu sobreviveria até o final...



Fazer parte dessa premiação estava sendo uma experiência incrível para todos, observar de perto todos os atores e atrizes que desde cedo aprendemos a reverenciar, suas histórias de vida, seu jeito de agir e se vestir em público, estava sendo uma grande escola para a vida.

Observamos de perto as roupas de todas as mulheres presentes naquela noite, nossos vestidos nem de perto se comparavam com os delas, mas estávamos no caminho certo.

Aquele Oscar estava marcado pelo simples chique desde o modelo mais clássico de Louis Vuitton que Melinda Rozxeul estava usando: par de calças de cetim preto, combinando com o blazer bordô e o cinto-laço rosa.

Aos vestidos mais metalizados e com franjas como o de Pietra Hakebert, e os extravagantes como o de Joy que estava usando um vestido de um ombro só marrom, em cascata que fomos descobrir depois de muita pesquisa na internet que pertencia ao estilista Giambattista Valli.

Observo os vestidos de minhas amigas: Camille usava um vestido justo e longo com uma abertura em V na perna

PERIGOSAS NACIONAIS

esquerda, era azul metálico que combinava perfeitamente com os olhos dela e toda vez que ela se movimentava parecia que estava flutuando e não caminhando.

Anabelly e eu havíamos apostado em vestidos justos no busto, mas rodado da cintura para baixo e longo, o meu era simples verde água, das alças até a longa saia que o compunha era cheio de flores rosa e folhas, na parte da frente era um pouco mais curto que atrás dando leveza ao meu caminhar, minha agente havia conseguido ele na Dolce & Gabbana logo que descobrimos que o filme havia sido indicado ao Oscar.

Já o de minha amiga era vermelho, tinha uma saia chiffon comprida que carregava a transparência na medida certa, era em camadas que se moviam como ondas quando ela caminhava, era um Gucci belíssimo e simples que combinava completamente com ela.



PERIGOSAS ACHERON

Haviam se passado duas horas e meia da premiação, Smiley havia ganhado por enquanto duas das suas indicações: Anny, Tyler e Hannah já estavam com suas estatuetas de Melhor Roteiro Original e Johnny o único ator já conhecido mundialmente, o de Melhor Ator Coadjuvante.

Faltavam agora às indicações de Melhor Atriz pela qual eu concorria e de Melhor Filme. Termos ganhado duas das principais indicações tinha sido uma surpresa para todos nós, estávamos felizes por termos sido indicados, mas nunca carregamos a certeza de sairmos da premiação com alguma estatueta, tê-las ganhado significava muito para nós, mais do que qualquer um presente no teatro poderia entender.

Não sabia se torcia para ganhar ou não o prêmio de Melhor Atriz, só de pensar em subir naquele palco me dava calafrios, mas se ganhássemos de Melhor Filme seria merecido, não por ser a protagonista, mas sim por saber todo o trabalho que tivemos todo o estresse, a diversão, as amizades que fizemos durante aqueles dois anos de filmagem, mas acima de tudo pela oportunidade que o diretor deu para atores e atrizes iniciantes como eu, finalizamos as filmagens com um leque enorme de aprendizagem e carga de vida.

Escuto James Karmel apresentando a próxima música que concorre à categoria de Melhor Trilha Sonora da noite e sinto novamente aqueles olhos verdes fixos em mim, não poderia me surpreender mais que, ao levantar os olhos o encontro em cima do palco com um violão.

Quando ele começa a cantar, sua voz tem um efeito muito estranho no meu corpo, sinto meu coração parar de bater e começar de

PERIGOSAS NACIONAIS

novo, em questão de segundos, meus lábios ficam secos, sinto um latejar no meio das pernas que nunca havia sentindo e nem por um minuto ele tirou seus olhos de mim.

Parecia que meu corpo correspondia ao seu olhar, a sua voz rouca, eu nem sequer o conhecia, mas minha alma correspondia com a dele.

Não sabia o que pensar ou sentir, estava tão perdida em mim, nos meus pensamentos que quando anunciaram a vencedora da Categoria de Melhor Atriz quase perco o momento.

Os olhos das pessoas estão grudados em mim, quando consigo voltar ao presente, enxergo meu rosto e meu nome no telão, anunciando meu prêmio. Sacudo minha cabeça para clarear as ideias, me levanto tremendo da poltrona e me encaminho para o palco.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto os olhares das pessoas presentes na premiação me seguindo, enquanto fazia o longo trajeto até lá, paro de escutar o que elas estão dizendo ou as palmas pela minha conquista, meu único objetivo naquele momento é não cair, mas o olhar dele aquele olhar verde, me queima, queima minha alma...

Subo no palco, recebo minha estatueta e estou tão transtornada que não assimilo quem está me entregando o Oscar, paro e olho para o Teatro cheio e quase não encontro minha voz para agradecer meu Prêmio, limpo a garganta e começo...

“Uou, é a única coisa que se passa pela minha cabeça neste exato momento, poucos devem saber quem sou, uma atriz iniciante recém-formada da Universidade, que ganhou uma grande chance de mostrar o que sabe. As pessoas acham que ser atriz, ator, cantor ou cantora em Hollywood é fácil, acreditam que nossas vidas são regadas a luxo, entretanto, o

PERIGOSAS NACIONAIS

que eles esquecem é que somos humanos como eles: acertamos, erramos, recebemos muitos não, mas jamais paramos de lutar por um sonho que todos sabem o quão difícil é de seguir.

Então só posso agradecer a academia por esse prêmio, aos meus colegas de elenco por terem me ensinado muito durante os dois anos que trabalhamos juntos, a minha agente que trabalha incansavelmente ao meu lado atrás de testes.

Porém, acima de tudo dedico este Oscar a todos os atores, atrizes, diretores, produtores e entre outros iniciantes, que sonham em conquistar este momento em suas vidas, não desistam, não vai ser fácil, a estrada é longa, mas no final podem apostar que valerá a pena.

Muito obrigada a todos!”

PERIGOSAS ACHERON

Saio do palco, tremendo mais do que quando subi nele, refaço meu caminho de volta, tendo uma sensação de dever cumprido, um peso a menos nos ombros. Após aquele momento, sinto que consegui aproveitar mais a noite, da premiação em si.

Até que chegou o grande momento: a categoria de Melhor Filme. Já havíamos ganhado três estatuetas das quais fomos indicados, agora se ganharmos mais essa também, nossa noite estaria completa...

Smiley foi um filme de baixo orçamento em comparação a todos os outros que estavam concorrendo com ele, nosso diretor havia recebido quinhentos mil dólares para dar vida a ele, nenhum ator ganhou mais do que o outro, o dinheiro em si, foi dividido em partes iguais para tudo e todos, quase que não conseguimos cumprir com o prazo por causa disso.

Entretanto, quando ele estreou nos cinemas mundiais, arrecadamos mais do que esperávamos, sua trama era simples: um drama

adolescente onde a personagem principal buscava por algo que a fizesse feliz, que não tirasse o sorriso do seu rosto quando pensasse naquilo.

Não era um romance amado por todos, era à busca de várias pessoas pela felicidade verdadeira, desde aquela vinda de dentro de nós, até a compartilhada com alguém especial.

Cada um de nós demos o melhor de si no filme, nos tornamos uma família desde o primeiro dia de gravação, parecia que estávamos buscando junto de nossos personagens aquilo que desejam seus objetivos e por causa disso cada cena era impregnada com um pouquinho de todos, tornando assim Smiley o Melhor Filme já lançado com baixo orçamento.



Simplesmente ninguém conseguia parar de sorrir, a premiação havia chegado ao fim e conquistamos mais do que imaginávamos ou esperávamos, se ser indicado tinha sido uma surpresa ganhar todas as estatuetas então nem se falava.

Estávamos no lado de fora do teatro esperando a limusine chegar para irmos juntos para a The After-Party do Oscar 2018, comemoramos nossas conquistas conjuntas e principalmente por estarmos levando os prêmios para casa:

Eu, Annabeth estava levando o Oscar de Melhor Atriz. Johnny o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante.

Anny, Tyler e Hannah, estavam grudados em seu prêmio de Melhor Roteiro Original.

E por fim todos que tornaram Smiley real estavam levando o Oscar de Melhor Filme.

Sentia que nossa noite, minha noite não poderia ficar melhor, até que sinto aquela queimação que ficou comigo durante toda a premiação e que só podia significar que o Sr. Olhos Verdes estava por perto e me olhando.

Viro-me para procurar por ele, e o encontro atrás de mim mais próximo do que imaginava, encaro seus olhos, esses que me seguiram a noite inteira que fez e faz coisas inexplicáveis com meu corpo.

“Hey!” diz ele sorrindo.

“Hey!” respondo e sei no fundo do meu ser que esse homem parado na minha frente viraria meu mundo de cabeça para baixo, e me mostraria o caminho do verdadeiro amor...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Um amor
inesperado*

SÉRGIO FRAGOSO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Sérgio Fragoso é graduado em Administração e pós-graduado em Gestão Universitária, trabalha na Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, atua na Biblioteca do Campus desde o ano de 2005. Primeiramente publicou alguns livros de informática básica e decidiu começar a escrever romances publicando o seu primeiro livro “Onde está você, meu amor” no ano de 2015 e na sequência “Não quero perder você” “Quando eu te conheci” publicou três contos eróticos “A ilha deserta: perdidos de prazer”; “A vizinha dos sonhos” e “Desejo ardente” e na sequência “O amor merece uma chance”; “O doce amargo da vida” e o suspense “O colecionador: não use saias, ou você pode ser a próxima vítima”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Quando os primeiros pontos claros da barba começaram a

surgir no rosto de Mateus indicando que a puberdade estava chegando, iniciou-se também o que ele acreditava ser a maior tortura de sua vida, a adolescência. Isso porque o rapaz tinha o corpo todo desengonçado, crescera muito rápido, um corpo magro e sem jeito. Louvou a Deus por não ter espinhas apesar de sua pele clara, olhos verdes e cabelos claros. Tinha tudo para ser o cara por quem as garotas cairiam a seus pés. Mas isso estava longe de ser realidade. Estava com quinze anos e ao se olhar no espelho tinha a impressão de que via uma espiga de milho verde ainda grudada no pé de milho.

Seu pai Antônio morreu em um acidente na roça quando Mateus ainda era bem pequeno, sua mãe Lourdes viveu alguns anos muito triste pelos cantos lamentando a perda de seu grande amor. Como ainda era muito jovem logo ela conheceu João e os dois acabaram se casando. João em nada lembrava seu pai, tinha a pele

morena e olhos escuros. Os dois se davam bem, mas ele jamais conseguiu preencher o espaço deixado por seu pai.

Na escola Mateus tinha amigos, mas jamais teve grandes amigas. Conversava com as garotas apenas o necessário. Quando uma garota bonita puxava assunto ele não sabia o que dizer, ficava envergonhado, vermelho igual um pimentão. Não pela sua timidez, mas sim por se achar feio e sem graça.

Quando ele tinha dezesseis anos sua vida começou a mudar. Começou a se interessar pelas garotas da escola, mas nenhuma delas fazia seu coração bater mais forte. Sonhava em encontrar a sua alma gêmea, a mulher a quem ele amaria com todas as suas forças.

Chegar aos dezessete anos sem nunca ter beijado uma garota era algo bastante constrangedor. Mas ao mesmo tempo

isso era apenas o reflexo da dificuldade que ele tinha em se aproximar das garotas e também porque nunca sentiu verdadeiramente vontade de beijá-las.

Era mês de fevereiro do ano de mil novecentos e noventa. A pequena cidade de Guarantã do Norte, interior de Mato Grosso era castigada pelas fortes chuvas de verão. Mateus viu quando um caminhão de mudanças passou em frente de sua casa parando no final da rua. Ficou curioso para ver quem era, mas a forte chuva o impediu de ir até lá. No outro dia quando amanheceu já não chovia mais. Ele olhou pela janela e o caminhão não se encontrava mais lá.

Enquanto estava tomando café perguntou para sua mãe.

— Mamãe! A senhora sabe se mudou alguém aqui na nossa rua?

— Ouvi falar que um novo gerente da madeireira onde João trabalha vem morar na cidade. Talvez seja ele — respondeu sua mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vi um caminhão de mudanças parando naquela casa nova no final da rua, pode ser o tal gerente mesmo.

— Bem que ele poderia ter uma linda filha e que você se interessasse por ela. Estou preocupado com você Mateus.

— Preocupado comigo, por que?

— Meu filho! Você já está com dezessete anos e nunca teve uma namoradinha. Você é um rapaz tão lindo.

— Lindo? Olhe para mim mamãe. Qual garota se interessaria por mim. Eu não me acho bonito nenhum pouco.

— Não diga bobagens, você é bonito sim.

— Sei que a senhora me ama, mas sua opinião de mãe não vale.

— A beleza externa é apenas ilusão, um dia ela acaba e ficam apenas as coisas que o tempo não corrói, a honestidade, o caráter, bondade, respeito, essas e outras qualidades você tem

PERIGOSAS ACHERON

de sobra. Você não teve a oportunidade de conhecer perfeitamente o homem maravilhoso que seu pai era, mas vejo que você é a fotocópia dele. Feliz da mulher que conquistar o seu coração.

— Deus lhe ouça, mas acho que isso está longe de acontecer.

Na semana seguinte iniciava-se o último ano no colégio, era segunda feira de manhã e Mateus ainda não havia descoberto quem estava morando na casa nova. Quando chegou ao colégio tratou logo de sentar numa das carteiras da primeira fileira. Sempre prestava atenção em todas as aulas, afinal suas notas sempre eram as melhores da turma, não por acaso. Tinha o sonho de se formar em direito, para ser um excelente advogado, isso ele acreditava que um dia seria possível.

O sinal anunciava o início das aulas, pouco a pouco a sala foi enchendo e em cada cadeira viam-se as mesmas caras, mesmos sorrisos, mesmos alunos do ano anterior. Afinal

o que poderia se esperar daquela cidade decadente, nada de novo se via ali. Não adiantava esperar por algo diferente.

Quando todos já estavam em suas carteiras, a professora Helena com seus óculos de aro preto e cabelos grisalhos se preparava para dar início a aula, quando a coordenadora apontou na porta. Ninguém gostava de Bianca, ela pegava no pé de quem andava fora da linha. Para Mateus isso era indiferente, jamais ela lhe chamou a atenção, pois seguia todas as regras com esmero.

— Mas o que ela estaria fazendo ali, as aulas nem tinham começado e já surgiram problemas? — pensou Mateus.

— Com licença professora Helena!

— Algum problema, Bianca?

— Não! Só estou acompanhando a nova aluna. Ela vem de outra cidade e vai estudar aqui nesta sala.

Quando Mateus ouviu aquilo seus olhos ficaram ansiosos para ver quem era a garota. Talvez apenas mais uma entre tantas outras que nunca fizeram a menor diferença em sua vida. Mas desta vez ele estava completamente enganado.

Bianca saiu da porta abrindo passagem para a moça. Ela entrou sorrindo mostrando uma boca maravilhosa que pedia para ser beijada. Seus olhos verdes, pele clara com algumas sardas salpicadas pelo rosto e cabelos ruivos que pareciam tingidos tamanha a perfeição da cor dos cachos que caíam sobre seus ombros. Ela caminhou elegantemente até encontrar um lugar que estava vazio no lado oposto onde Mateus se sentava.

— Vai molhar o caderno!

Mateus levou um susto quando seu amigo lhe cutucou trazendo-o de volta a realidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

Afinal ele tinha razão, ele estava literalmente babando por aquela garota.

— O que foi? — perguntou ele se fazendo de desentendido.

— Pensa que eu não vi que ficou amarradão naquela garota?

— Bobagem! Que chances eu teria com uma garota linda dessas? O máximo que vou conseguir é olhar e ficar sonhando acordado.

Como a garota era a única nova da turma a professora pediu que ela se apresentasse para o restante do pessoal.

— Diga seu nome e de onde veio?

— Meu nome é Aline, eu morava na cidade de Sinop e meu pai foi transferido para trabalhar de gerente em uma madeireira, então nossa família mudou-se para cá.

— Muito bem! Agora todos se apresentem para que Aline possa conhecer vocês.

PERIGOSAS ACHERON

Aline! Aquele nome ficou gravado na mente de Mateus. Todos disseram seus nomes, mas quando chegou a vez dele ainda estava hipnotizado pela beleza da garota.

— Se apresente para a moça, rapaz — bradou a professora.

Mateus ficou vermelho, todos perceberam que ele não estava prestando atenção em nada, sua voz mal saiu e a única coisa que disse foi um Mateus quase inaudível.

A aula começou, mas Mateus praticamente não conseguiu prestar a atenção em nada, por várias vezes a professora perguntou coisas que ele não tinha a menor ideia do que se tratava. Ela não entendia o que estava acontecendo. O rapaz sempre prestava muita atenção na aula e respondia a todas as perguntas com perfeição. Mas naquele dia a única coisa que lhe interessava era a garota ruiva. Deu graças quando ouviu o sino anunciando o intervalo. Precisava respirar ar puro, não estava se sentindo bem, havia algo de

errado com ele.

Aline saiu acompanhada das outras garotas da turma, já estava fazendo amizade. Ele por sua vez sentou-se em um dos bancos do jardim e seu amigo Pedro foi até ele.

— O que foi aquilo Mateus?

— Aquilo o que?

— Não se faça de desentendido. Todo mundo viu que você ficou babando pela novata. Aline é o nome dela, não é mesmo?

Mateus entrelaçou os dedos demonstrando nervosismo com a pergunta.

— É verdade! Fiquei totalmente enfeitiçado por ela. Mas de que isso adianta, que chances eu teria com uma garota linda igual a Aline?

— Deixa de ser bobo. Por acaso você já tentou falar com ela para saber que não tem chances?

— Sei lá! Não acredito que uma moça linda daquelas não tenha namorado. Seria quase a mesma coisa que encontrar uma pepita de ouro jogada por aí, dando sopa. Garotas bonitas raramente ficam sozinhas.

— Isso é verdade. Mas talvez ela seja apenas bonita por fora e insuportável de se conviver. Neste caso não seria novidade se ainda estiver sem namorado — disse Pedro.

— Não! Eu me recuso a acreditar nisso. Prefiro acreditar que ela já tem namorado do que acreditar que ela seja uma garota insuportável.

— E por que não pergunta a ela?

— Perguntar o que?

— Se tem namorado. Se essa é sua dúvida é melhor saber logo, ou você não está a fim dela?

— Claro que sim! Mas de maneira alguma eu seria tão cara de pau de chegar nela e já perguntar algo do tipo. Eu nem conheço a moça direito. Como eu faria isso? Eu chego nela

e digo. “*Com licença moça, só preciso saber se você já tem namorado?*” Deixa de ser idiota Pedro.

— Ela perguntaria o que você tem a ver com isso — disse Pedro dando uma gargalhada.

— O que você faria no meu lugar? — perguntou Mateus.

— Eu tentaria descobrir de outra maneira, aliás, já sei como descobrir. Vou pedir para as garotas da sala descobrirem. Vi a Juliana e a Paula conversando com a Aline. Talvez elas até mesmo já tenham essa informação.

— Tudo bem! Mas não diga que sou eu é que estou querendo saber.

— Pode ficar tranquilo que não vou falar nada.

A hora do intervalo terminou e todos retornaram para a sala de aula. Mateus continuou sem conseguir prestar muita atenção na aula. Quando chegou a hora de ir embora ele

esperou até que todos saíssem da sala. Ficou disfarçando alguns segundos enquanto guardava seu material na mochila. Fez isso só para ter tempo de ficar para trás e ver onde Aline morava.

O colégio ficava a duas quadras da casa de Mateus. Aline foi em direção à rua onde ficava a casa dele e seguiu em diante. Mateus parou no portão de sua casa e ficou olhando até que finalmente pode comprovar que a garota ruiva mais linda que ele já viu estava realmente morando na mesma rua que ele.

Quando entrou na cozinha sua mãe arrumava a mesa para o almoço e notou que havia algo diferente no filho.

— Nossa! Parece que o primeiro dia de aula foi ótimo. Você está com um sorriso enorme no rosto.

— Apenas estou feliz por iniciar o último ano da escola.

— Não queira me enganar, seu sorriso parece de alguém que está apaixonado.

— Apaixonado! Eu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— E por que não?

— Não tem mesmo como esconder nada da senhora.

— Não mesmo! Você é meu filho e eu lhe conheço como a palma da minha mão.

— É que tem uma garota nova na escola, na minha turma. Ela é tão linda. Passei quase toda a aula olhando para ela. Nem consegui prestar atenção na aula de hoje. Ela se chama Aline. É a nova moradora da casa do final da rua. A família dela se mudou para cá.

— Então eu acertei, você está apaixonado.

— Não sei mamãe. A verdade é que não consigo para de pensar nela um só minuto. Mas tá na cara que uma moça bonita igual ela já tem namorado. Não tenho a menor chance.

— Talvez você esteja enganado. Se ela nem ao menos morava aqui não deve ter namorado. Afinal foram os únicos a mudarem para cá recentemente.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode ser. Mas mesmo assim duvido completamente que eu teria alguma chance com ela.

— Meu filho! O que é para ser seu será. Você já conheceu muitas moças no colégio e nunca se interessou por nenhuma, se essa será sua namorada ou não o tempo dirá. Você ainda é muito jovem e vai conhecer ainda muitas moças.

Mateus agradeceu pelas palavras da mãe, mas ele não queria conhecer outras moças. Já tinha dado fora em várias delas, pois não queria enganá-las. Jamais sentiu-se atraído daquela maneira por alguém. Aline, a garota ruiva, só ela lhe interessava naquele momento.

Naquela noite ficou lendo um livro de romance até que acabou adormecendo.

“O dia estava claro e o céu azul como a imensidão do mar. Uma brisa suave balançava as folhas das árvores e as plantas do jardim. Beija-flores e borboletas voavam por entre as plantas.

De repente Mateus ouviu alguém se aproximar. Ao virar se deparou com a mais bela moça que já conhecera. Aline estava ali em sua frente. Tinha um belo sorriso nos lábios e o brilho dos seus olhos refletia a imagem de Mateus.

— Mateus! Preciso conversar com você — disse ela com a voz macia.

O rapaz ficou sem entender o que Aline estaria fazendo ali em sua casa e muito menos o que ela queria conversar.

A moça se aproximou segurando as mãos de Mateus. Seu coração começou a bater acelerado parecendo que saltaria pela boca.

Ela moveu levemente os lábios mostrando os dentes brancos como a neve.

— Eu te amo! — disse com a voz doce Mateus não conseguia acreditar no que ouvia.

Os corpos se aproximaram e quando os lábios

estavam na

eminência de se tocarem para um beijo apaixonado. Mateus acordou.

O rapaz acordou assustado. Olhou para o quarto todo escuro e percebeu que tudo não havia passado de um sonho. Talvez essa fosse a única situação em que ela o beijaria, através de um sonho. Virou para o lado na esperança de que aquele sonho continuasse, foi em vão. Adormeceu e não sonhou novamente.



Tomou café e foi para o colégio. Não via a hora de ver a garota ruiva novamente.

Será que Pedro tinha conseguido a informação com Juliana e Paula? — pensou ele.

Para sua surpresa ao entrar na sala Aline já estava lá. Não sabia como era possível, mas ela estava ainda mais linda. Não precisava de maquiagem, sua beleza natural era mais do que o suficiente.

Ele tentou se concentrar na aula. Não poderia repetir o mesmo comportamento do dia anterior. Se esforçou bastante, mas a todo momento a imagem de Aline prestes a lhe beijar

PERIGOSAS ACHERON

invadia a sua mente.

Quando chegou a hora do intervalo viu que Pedro chamou Juliana para conversar. Logo depois ele veio ao seu encontro.

— E então Pedro. Conseguiu a informação?

— Juliana disse que não sabe, mas isso não é um problema. Ela descobre isso rapidinho.

— Ela não perguntou por que você queria saber?

— Perguntou sim! Ela pensou que eu estava interessado nela, mas ela sabe que eu estou em outra. Aliás, todo mundo sabe que estou namorando sério a Ana Clara.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não falou a verdade para ela?

— Não, mas acho que nem precisa.
Todos da sala já perceberam que você está
amarradão na Aline.

— Sabe o que aconteceu nesta noite?

— Não! Você ainda não me contou —
disse Pedro dando uma gargalhada.

— Não seja idiota. Eu sonhei com ela.

— Com a Aline?

— Sim! Sonhei que ela foi lá em casa e
queria conversar comigo. Ela disse que me
amava e quando ia me beijar, eu acordei.

— Cara! Você fica o tempo todo
pensando na garota que até chegou a sonhar
com ela. Você realmente está apaixonado.

— Pelo menos em sonho, posso dizer
que estive a um passo de beijá-la. Como eu
disse, não acredito que tenho chances com ela.

— Vamos ver. Se ela já tiver namorado
realmente você não tem chance. Mas se estiver
livre aí a história é diferente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

**Uma semana
depois...**

Mateus estava feliz por até aquele momento não ter visto Aline agarrada com nenhum rapaz. Isso era um bom sinal, mas ainda não tinha a resposta definitiva.

Quando a aula terminou naquele dia todos saíram da sala e Pedro aguardou até que Mateus também saísse.

— Já tenho a resposta, Juliana descobriu para mim.

— Já sei. Ela se mudou para cá com a família, mas deixou um namorado na cidade onde morava. Quando ela for de maior irá estudar em uma faculdade e os dois vão se encontrar novamente. Vão estudar, casar e ter filhos.

— Nossa! Você deveria ser escritor, tem uma imaginação muito fértil. Realmente ela tinha um namorado na cidade onde morava.

— Eu sabia que não tinha chances.

— Eu disse que ela *tinha* namorado. Mas eles terminaram, era apenas um passatempo. Aline não gostava dele na verdade e aproveitou a oportunidade da mudança para colocar um ponto final no relacionamento. Você está com sorte.

— Isso quer dizer que ela não tem namorado?

— Foi o que você ouviu. Aline está livre.

Mateus não acreditava que a sorte estava ao seu lado, mas isso não significava muita coisa. Ainda achava pouco provável que tivesse alguma chance com a garota ruiva. Aliás, nem ao menos sabia como se aproximar e dizer o que sentia.

Os dias se passaram e nada mudou. Mateus fazia o possível para se aproximar da garota. Procurava sentar perto de onde ela

estava na hora do intervalo no colégio. Ia para as missas de domingo e procurava um lugar onde pudesse tê-la no alcance da visão. Chegaram até mesmo a fazer um trabalho em dupla na sala de aula, mas o assunto não excedeu além da matéria do trabalho em si.

Mateus já estava angustiado. Primeiro estava com medo de que ela fosse comprometida. Agora tinha o caminho livre pela frente, mas não conseguia tomar uma atitude. Se ficasse marcando bobeira poderia perdê-la a qualquer momento para outro rapaz.

Dois meses se passaram e em virtude de ser o último ano do colégio a turma decidiu por realizar uma festa para arrecadar dinheiro para a formatura. Seria algo simples. Um baile com música lenta onde todos com idade acima de quinze anos poderiam participar. Logicamente que não seria servido bebida alcoólica e os pais também poderiam participar da festa.

A professora de artes ficou encarregada pela organização do baile. Haveria um concurso de dança e todos da sala deveriam escolher um par. Não necessariamente precisava ser alguém da sala. Poderia ser um amigo ou amiga, ou namorado. Depois de esclarecer todos os detalhes a professora pediu que cada um trouxesse o nome para formar o casal.

Alguns falaram naquele mesmo momento, outros ficaram de trazer na aula seguinte. Mateus estava em um dilema. Quem chamaria para dançar com ele?

Todos da sala já estavam comprometidos. Ele tentou encontrar um par na sala mesmo, mas não havia ninguém disponível. Sua maior curiosidade era saber quem seria o par de Aline. Certamente que ela conseguiria um belo rapaz para acompanhá-la.

Se ao menos ele tivesse coragem de perguntar se ela já tinha alguém com quem dançar. Mas o medo de levar um fora era muito maior.

PERIGOSAS NACIONAIS

Procurou alguém pela vizinhança, mas nenhuma garota aceitou o seu convite. Já estava conformado com a possibilidade de não participar da festa.

Naquela manhã durante o café sua mãe percebeu que Mateus estava triste.

— Algum problema filho? Você parece triste.

— Faltam poucos dias para a festa e eu não consegui um par para dançar. Acho que não vou participar do baile.

— Que pena meu filho. Você ficou tão animado com o baile. A Aline vai estar lá, não é mesmo?

— Vai, mas certamente que já tem um par para a dança e mesmo que não tivesse acho que ela preferiria não dançar do que aceitar o meu convite.

— Não seja assim tão pessimista. Quando é o prazo para dar os nomes?

PERIGOSAS ACHERON

— Amanhã na aula de artes. Vou avisar a professora que não consegui um par.

— Não desista antes da hora, quem sabe você ainda consegue alguém para dançar.

— Obrigado mamãe! Vou para a escola ou chegarei atrasado.

Na aula seguinte a professora de artes pediu que todos entregassem os nomes dos pares para a dança. Ela olhou na lista e viu que ainda faltavam alguns nomes. Mateus estava de cabeça baixa decepcionado por não ter encontrado um par para a dança. Teria que desistir do baile. Estava pensando em como falar isso para a professora.

— Mateus, Aline! Vocês dois ainda não me entregaram o nome de seus pares.

Ela também não tem um par, como isso é possível? — pensou ele.

Quando Mateus levantou a cabeça viu que Aline caminhava em sua direção parando em frente à sua carteira.

— Parece que você também não tem um

par para a dança?

— Infelizmente não consegui ninguém, todos já estão comprometidos — disse o rapaz desconsolado.

— Aceita ser o meu par?

Mateus acreditava que estava sonhando novamente. Piscou algumas vezes para ver se acordava. Não era um sonho, ele realmente estava na sala de aula sendo convidado para dançar pela garota mais linda do mundo.

— Aceito! — Disse ele quase gaguejando.

Quando chegou em casa contou a novidade para sua mãe.

— Eu disse para não desistir antes da hora — comemorou ela abraçando-o.

No dia da festa Mateus vestiu a roupa nova que sua mãe o ajudou a comprar.

— Você está lindo, filho. Tenho certeza que vai arrasar na festa.

— Obrigado! Mas hoje quero impressionar apenas uma pessoa: Aline.

— Tenho certeza que isso irá acontecer.

Quando chegou na festa olhou para todos os lados e não viu Aline. O rapaz ficou desapontado. Perguntou para todos os colegas e ninguém tinha notícias da moça. Eram aproximadamente vinte e uma horas e todos já se divertiam na festa dançando. Mateus já se preparava para o pior. Aline não viria. Seu sonho tinha acabado, foi bom enquanto durou.

Ele olhou na direção da porta, aquele era o caminho que devia seguir e ir embora antes que o vexame fosse maior. Começou a dar os primeiros passos para ir embora. Foi neste momento que viu ela entrando no salão. Não era nem de perto a mesma que ele estava acostumado a ver todos os dias no colégio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aline mais parecia uma princesa de conto de fadas.

Ela caminhou em sua direção como se estivesse desfilando exclusivamente para ele. Ainda estava embasbacado quando ela se aproximou.

— Boa noite Mateus! Desculpe pelo atraso, mas minha mãe não deixou sair antes que tudo estivesse perfeito.

— Sem problemas. Valeu esperar, você está linda.

— Obrigada! — disse ela ruborizada não acreditando que Mateus finalmente conseguiu dizer o que estava entalado na sua garganta.

— Vamos dançar? Eu adoro essa música — disse ela.

— Claro! Também sou fã de Roxette.

Mateus conduziu Aline até a pista de dança. Então ele a envolveu em seus braços e começaram a dançar. O perfume

PERIGOSAS ACHERON

inebriante que exalava de seu corpo e o toque com a pele macia levaram o rapaz a sentir que estava entrando em êxtase. A música lenta obrigou os dois a se aproximarem ainda mais fazendo com que sentissem o calor de seus corpos. Eles dançavam pelo salão formando o mais belo casal daquela noite. Tudo parecia mágico.

Os dois se olharam nos olhos. Mateus sabia que aquela oportunidade seria única. Não poderia perder aquela chance. Num gesto de loucura falou a frase que estava guardada esperando aquele momento mágico.

— Aline! Você quer namorar comigo?

Alguns segundos de silêncio e Mateus pensou que tinha estragado tudo. Poderia ter aproveitado aquele momento maravilhoso ao máximo, mas ousou estragá-lo. Logo em seguida veio a resposta.

— Quero! Eu aceito ser a sua namorada.

Uma lágrima rolou de seus olhos, ainda não acreditava que aquilo fosse verdade.

Os lábios se aproximaram e ele sentiu o toque suave do beijo de Aline.

Um beijo apaixonado. Quando perceberam, estavam no centro do salão, apenas os dois dançando sob os aplausos da plateia.

Aquela noite foi inesquecível, foi o início de um grande amor que jamais teve fim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Caminhos cruzados

VÂNIA LARA

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Nasceu em Joinville, SC, em 1983,
mas passou a adolescência e
juventude em Ourinhos, interior de
São Paulo; assim que se
mudou para Jundiaí, SP, iniciou sua
trajetória como escritora.

Esposa e mãe de dois meninos,
tendo como base sua paixão
pela docência e pelos livros, aos trinta

PERIGOSAS NACIONAIS

e cinco anos, inspirou-se
a publicar seu primeiro romance intitulado “Acima de
Tudo”.

PERIGOSAS ACHERON

Refugiava-me em meu lugar favorito naquele “fim de

mundo” como gostava de intitular o Hotel fazenda Belo Amanhecer ao qual viera trabalhar há sete meses no interior de Minas Gerais. Abrigava-me no alto de uma rocha entre as trilhas de caminhadas e cavalaria, passeios comuns aos turistas que passavam estadias ali.

— Meses de inverno são terríveis para os orçamentos de quem vive de turismo, minha filha. — ouvia meu tio-avô Antônio reclamar todas as manhãs ao ver a mesa de café posta e vazia por se tratar de uma época fora da temporada de férias em família, além do frio intenso que castigava a região.

— Não é uma época que as pessoas costumam viajar. Precisamos pensar em como atrair hóspedes também neste período de inverno.

— Pois então pense, menina! Afinal, não foi para isso que seu pai pagou a faculdade de turismo? Pense, veja o que for necessário e

traga hóspedes para esta fazenda, sim?

Assim iniciei meu trabalho: divulgando e programando eventos para universidades, escolas, empresas, igrejas, e outros tantos, a fim de expandir os negócios do tio e ver movimentado aquele hotel.

Essa era a sua vida e eu não queria desapontá-lo. Já estava me habituando àquele lugar e vê-lo vazio, realmente, trazia certa melancolia.

Passei as mãos pelos compridos fios de meus cabelos ruivos, um tanto bagunçados pelo vento que serpenteava no final de um dia de agosto, castigando a pele branca de meu rosto. Aconcheguei-me sob o casaco forrado e segui o contorno da barriga.

Lembrava-me perfeitamente da noite em que chegara à fazenda. Meses atrás, com as malas pesadas nas mãos e o rosto

riscado pelas lágrimas. Não sabia o que a esperava naquele hotel fazenda, muito menos o que esperava em meu ventre ao chegar e pedir abrigo e emprego ao meu tio-avô.

O mal estar, as dores e os enjoos vieram logo em seguida a minha chegada. Tentei ignorar, negar, no entanto, algumas semanas depois era inevitável perceber a protuberância em meu corpo. Estava grávida.

Grávida! De um cara que fora o meu amor, que me arrebatara por completo e, no fim, me enganara... Ruan estava de casamento marcado com Alice, a filha do dono da empresa ao qual trabalhava e minha colega de faculdade.

Humilhada e com coração quebrado, fugi. Minha intenção era simples: esconder-me de mim mesma e esquecer um amor impossível.

— E o pai da criança? Ele já sabe? — perguntavam os poucos funcionários ao perceberem minha barriga crescer.

— Eu quero apenas paz. — respondia sempre da mesma maneira a fim de evitar mais

comentários.

Na verdade, o que eu almejava era um lugar acolhedor para seguir a vida e trabalhar, seguir uma rotina longe de qualquer lembrança do que me fizera sofrer. Esquecer o que fiz da minha vida... Entretanto, não poderia esquecer. Carregaria para sempre o resultado do amor, belo e sublime que me consumira em pouco tempo, devastando-me a alma.

Há um ano pensara ter encontrado o amor da minha vida...

Ainda me lembrava da primeira vez que o vi. Nossos olhos se encontraram pelo reflexo de espelhos de um barzinho que frequentava com os amigos da faculdade. O rapaz de pele clara, lindos olhos castanhos, cumprimentou as pessoas do grupo, sempre simpático e gentil.

No fim da noite, Ruan ofereceu-me carona e assim começou nossa história. Nos víamos todos os dias e logo nasceu um romance, arrebatando-me para sempre. Estava apaixonada por aquele rapaz de riso fácil e cabelos um tanto compridos e bagunçados.

Recordo-me do meu corpo sendo pressionado por ele, na medida certa para me enlouquecer. Sua barba por fazer roçava em minha pele fazendo-a arrepiar. As mãos dele percorriam meu corpo, tocando e anestesiando por completo.

Os beijos macios eram cálidos, todavia eram envolventes e apaixonantes. Eu não conseguia pensar em mais nada quando estava com ele, além de entregar-me e ser completamente dele, amada por ele.

Desvencilhei os pensamentos de certas lembranças e limpei as lágrimas que teimavam em cair. O sol estava se pondo e eu precisava retornar. Novos hóspedes chegariam para um congresso industrial, frutos de meu trabalho de

divulgação para restabelecer as finanças do Hotel Fazenda.

Haviam chegado no dia anterior cerca de trinta hóspedes (funcionários da tal indústria) e hoje estaria previsto a chegada dos donos e gerentes, palestrantes e outras solenidades.

O casarão estava agitado com tantos hóspedes, homens e mulheres, jovens com sua animação por se encontrarem em um ambiente diferente e fora do local de trabalho. As equipes de copa e cozinha trabalharam a todo vapor preparando o banquete que ofereceríamos a eles esta noite. Os instrutores de cavalgada e passeios monitorados estavam com a agenda cheia para os próximos dias e isso trazia novo ânimo a todos, principalmente para meu tio-avô Antônio.

Desci cautelosamente a rocha, firmando meus pés nos lugares precisos para não escorregar dali, enquanto isso, repassava em minha mente as tarefas a mim destinadas assim

PERIGOSAS NACIONAIS

que chegasse na recepção: recepcionar os novos hóspedes, levá-los a seus quartos, verificar a organização da mesa, fazer o papel de anfitriã no grande salão e, assim que o jantar fosse servido estaria dispensada.

O corpo cada vez mais pesado limitava minhas funções. Em poucas semanas estaria com meu filho nos braços e com certeza me tornaria a mulher mais feliz do mundo. Apenas eu e meu bebê.

Ao chegar na última curva da estrada que dava acesso à entrada principal do hotel avistei vários veículos mal estacionados e pessoas se movimentando por ali. Consultei as horas no relógio de pulso; havia passado um pouco das dezoito horas, os visitantes chegaram antes do previsto.

Apressei o passo, sabia que titio estaria apavorado com aquela multidão chegando de uma só vez e mais ainda por estarem adiantados. Subi os degraus de dois em dois, na maior velocidade que meu corpo inchado me permitia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, boa noite! Olá, sejam bem-vindos... — cumprimentava cordialmente conforme avançava entre eles, até chegar ao balcão na sala de recepção do casarão onde meus tios se encontravam atarefados com fichas e cadastros.

— Marina, minha querida, não consigo colocar a bendita senha nessa coisa.

— Computador, tio. — corriji achando graça; ele nunca se habituara com a modernidade que eu, aos poucos, trazia para o local. — Deixa comigo, eu faço o cadastro.

— Assim está melhor. Vou levando os cavalheiros e as damas aos aposentos conforme você for encerrando com eles.

— Boa noite — cumprimentei os primeiros hóspedes solicitando os nomes, documentos e assinaturas. — Fiquem à vontade e sejam bem-vindos. — finalizei mostrando com um movimento de mão para onde deveriam seguir. Outros grupos

PERIGOSAS ACHERON

se aproximavam e eu recitava automaticamente o protocolo de forma cordial, e assim procedeu até a recepção estar praticamente vazia.

Foi neste exato momento que vi minha vida entrar em ruínas, o castelo que havia construído em meu peito se desfez, deixando pedras sobre pedras, quando o avistei entre as pessoas que se aglomeravam à minha frente.

Um sorriso quis brincar em meu rosto. Não podia ser real o que meus olhos viam. Lembranças fervilhavam minha mente, fazendo meu corpo estremecer de ansiedade e paixão.

Traía a mim mesma.

Não queria experimentar esses sentimentos a não ser o ódio que havia feito me afastar deste homem. As perguntas sem respostas vinham-me à mente. Perguntas que não queriam calar, todavia tinha medo de conhecer as respostas.

— Marina... — percebi meu nome sendo sussurrado pelo movimento de seus lábios.

Pensei em dissimular que não o havia visto, porém nossos olhos se encontravam conectados, como um pássaro à flor.

Os olhos pinicavam por conta das lágrimas que teimavam em escapar. Girei nos calcanhares, virando as costas para deixar a recepção e o velho senhor a gritar meu nome para que eu voltasse a receber os novos hóspedes. Contudo, fugi o mais rápido possível da frente do homem que destruía meu coração.

Ruan estava li, poucos passos nos separavam. Não podia acreditar. Não sabia o que fazer, como agir.

Segui para o quarto, fechando a porta atrás de mim. Não queria chorar, não ia chorar. Obriguei meu coração a bater no ritmo habitual, controlando a respiração.

— Calma meu anjo... — acarinhei a barriga na tentativa de acalmar o bebê que remexia-se em meu ventre trazendo certo mal-estar. — Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

— Marina? — perguntou a voz abafada do outro lado da porta. — Marina, você está bem?

— Estou, tia Nena — reconheci a voz da senhora, preocupada com minha saída abrupta da recepção.

— Pode abrir a porta para eu mesma verificar, minha querida?

Relutante, destranquei a porta permitindo-lhe a passagem por uma pequena fresta, como se isso impedisse qualquer coisa ruim de entrar junto com ela. Tia Nena, dentro do quarto, examinou-me com as ternas mãos em meu rosto e em seguida no ventre.

— Estou bem, tia. Foi só...

— Qual daqueles rapazes? — perguntou ainda com as mãos sobre minha barriga.

— Não sei do que a senhora está falando.
Despreendi-me de suas mãos indo sentar-me
aos pés da

cama.

— Qual daqueles rapazes é o pai da
criança? —

continuou a senhora. — E não adianta negar.
Seu rosto diz tudo.

— Não importa qual deles. — tia me olhou
em silêncio

— Peça desculpas ao tio e diga à ele que
estarei lá embaixo em meia hora. Vou deixar
tudo pronto para o jantar e a recepção de logo
mais... Só não me peçam para ficar e fazer o
papel de anfitriã, por favor.

— Não poderá se esconder aqui em seu
quarto até o final da convenção. Precisarás
enfrentar o que é que esteja por vir.

— Sim, eu sei, mas agora não.

— Sabe que pode contar conosco, não é? Embora, certas coisas só serão resolvidas por você. — Tia Nena encerrou seu sermão.

Esperei ficar sozinha outra vez no quarto, simples, contudo o único lugar que podia chamar de meu; apenas uma cama de solteiro em um dos cantos, um guarda-roupas à frente e um berço branco montado abaixo da janela; do lado oposto ao da porta havia um pequeno banheiro.

Tomei um banho demorado, deixando a água aquecer minha pele e, quem sabe, levar embora os sentimentos conflituosos. Fechei o chuveiro, me sequei e vesti uma roupa elegante, porém confortável, a fim de enfrentar uma noite de trabalho.

Não sentia vontade de me maquiar; por outro lado não queria que Ruan me visse com o semblante abatido. O orgulho não me deixaria mostrar o quão debilitada sua presença me deixava.

Um mal estar súbito atingiu meu corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

O bebê se agitou e uma leve pontada se estendeu ao pé da barriga fazendo-me curvar de dor. Precisava manter a calma, pelo meu filho. Não poderia deixar ser afetada por problemas do passado.



— Sejam bem-vindos ao Hotel Fazenda Belo Amanhecer — murmurei ao encerrar o breve discurso que tio Antônio me fizera preparar; o nó na garganta impedindo-me de falar mais alto no grande salão. — Se precisarem de alguma ajuda, estarei à disposição. Espero que tenham uma excelente estadia e uma ótima convenção.

PERIGOSAS ACHERON

Sinalizei ao DJ que no mesmo instante iniciou sua interminável lista de músicas eletrônicas. Alguns hóspedes se dirigiram a pista de dança procurando se divertir e relaxar, outros circulavam ou comiam os petiscos sobre a mesa instalada no canto.

Meus olhos, invariavelmente, vasculhavam a multidão à procura de Ruan. Ele não estava entre os hóspedes no salão. A presença dele ali era o que eu mais sonhara todas as noites, no entanto, agora era real e isso me deixava exposta, fraca e vulnerável.

Havia uma explosão de sentimentos dentro de mim. Raiva, paixão, saudades... Meu corpo ansiava pelo toque do seu, ao mesmo tempo o repelia como um ímã a corpos estranhos.

Decidi que o melhor era me afastar até o momento de servirem o jantar e me esconder o máximo possível nos dias subsequentes. Dirigi-me para fora atravessando as portas do fundo que dava acesso ao jardim. Havia chovido há

poucas horas e o pátio se encontrava escorregadio.

Caminhei com cautela até me aproximar do chafariz rodeado por folhagens. Novamente senti a dor na barriga incomodar, porém, diferente da primeira vez, o bebê não se mexera. Respirei e inspirei a fim de afugentar o desconforto.

— Marina.

Não precisei me virar para saber que Ruan estava ali, próximo de mim. O timbre rouco de sua voz era inconfundível; por mais que o tempo passasse reconheceria dentre a multidão.

— O que você quer? — perguntei sem ao menos me virar. — O que está fazendo aqui, afinal?

— Eu não fazia ideia que a encontraria... Mas fico feliz que tenha acontecido. — Fechei os olhos recebendo cada palavra; aguardei em silêncio. — Você não imagina como te procurei! Liguei para seus amigos, importunei os vizinhos do

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

bairro onde você morava atrás de qualquer informação que fosse sobre seu paradeiro. Por que sumiu?

Virei-me lentamente até encará-lo.

— Você está... — ele empalidecera ao observar o óbvio em mim.

— Grávida.

— Quantos meses.

— E pra que quer saber? — Ruan desfez a distância entre nós dois, tocando-me a barriga. — Não é seu... — tentei negar, porém fui traída pela voz embargada de lágrimas.

— Eu... não sabia... não fazia... Como você pode fugir grávida, sem nem ao menos me contar. Eu merecia saber.

— Não! — respondi afastando suas mãos. — Não merecia! E não pense que, porque me encontrou, tem o direito de achar que é o pai desta criança. Vou criá-lo sozinha, não preciso de sua piedade... Comiseração.

— Por que, Marina? O que aconteceu? Por que deixou para trás tudo o que a gente

tinha?

— E o que a gente tinha? Um romance baseado em mentiras?

— Mentiras? — pareceu indignado.

Cínico...

— Achou que eu fosse trouxa? Uma caipira de cidade pequena perdidamente apaixonada pelo galã de cidade grande, não é?

— Do que está falado? Você veio com uma história dizendo que não dava mais pra gente continuar junto e depois sumiu do mapa... Agora a culpa é minha?

— Não seja hipócrita! Eu descobri sobre seu casamento...

— O quê? — perguntou nervoso, passando as mãos nos cabelos curtos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pensou que iria esconder de mim por muito tempo ou considerou enganar nós duas com um casamento infiel?

— Você deve estar louca, Marina! — sua voz repercutiu em eco no pátio vazio.

— Ela mesma me contou e depois eu mesma vi vocês dois em um encontro romântico entrando naquele restaurante italiano depois do natal.

— Você viu? Então deve ter visto outros funcionários da empresa chegarem para a confraternização de final do ano. Marina, você está louca...

— Ah, Ruan... — não queria admitir que estava errada, assim como ele não admitiria o caso amoroso com nós duas ao mesmo tempo. — E como está a sua esposa? — ironizei — Ela sabe que está aqui? Ou está escondendo isso dela também?

— Eu não acredito que me deixou por causa de fofocas e uma cena mal interpretada!

— Fofocas? — eu estava pasma com

PERIGOSAS ACHERON

seu cinismo — Seu pai veio até mim e... — bloqueei o que estava prestes a dizer, incerta do que contar.

— Meu pai? O que tem meu pai nisso tudo?

— Ele enviou o convite do seu casamento! — explodi, a voz soando mais alto do que eu esperava — Junto com uma boa quantia em dinheiro, diga-se de passagem, pra sumir da sua vida.

— Ah, então é isso? O meu pai te suborna e você joga um relacionamento para o ar?

— Não aceitei o dinheiro, se quer saber, fiz questão de devolver cada nota junto daquele maldito convite.

— Isso foi tudo armação, só você não percebe. — passou as mãos outra vez nos cabelos, gesto que fazia sempre que estava nervoso; respirou profundamente apertando os olhos com os dedos antes de continuar. — Meus pais e os da

garota sonhavam, sim, com esse casamento, afinal, são amigos desde a infância e eu herdaria a grande empresa se me casasse com ela, mas... não era esse o meu sonho. Você disse que não me amava mais, que a gente não ia dar certo... Você desapareceu!

— Precisei inventar uma desculpa qualquer para sumir, sair da sua vida.

— Eu amava você, Marina. — se aproximou outra vez

— Amei e ainda amo como nunca amei outra mulher na minha vida!

— Ruan, eu não... — desviei os olhos, sem coragem, as palavras presas na garganta.

— Não estou casado, nunca fui casado sua maluca!

Não conseguia acreditar no que ouvia, permaneci calada.

— Por que foi embora, Marina? Sem ao menos me dar a chance de saber que viria a ser pai?

— Eu não sabia que estava grávida

quando fugi. — sussurrei.

— Então não fuja mais! Eu preciso de você novamente na minha vida — suas mãos se encontravam em volta dos meus braços, impedindo-me de afastar. — Eu deveria ter dito que a amava... Tê-la pedido em casamento...

Meneei a cabeça em negativa. Não poderia voltar, não agora; em breve estaria com meu filho nos braços e precisava pensar nele, apenas no bebê. Voltar a um relacionamento não estava nos meus planos. Decidida virei às costas a ele. Não queria mais ouvir, já havia me machucado demais.

Ruan segurou meus braços obrigando-me a voltar e encará-lo. Um arrepio passou pelo meu corpo como uma descarga elétrica fazendo-me ganhar vida outra vez. Nossos

olhos conectados e os corpos unidos como se nunca houvessem se distanciados.

Todas as perguntas, as dúvidas viraram cinzas e se desfizeram em pó assim que senti o toque se suas mãos sobre a pele do meu rosto. Era apenas eu e ele.

Tudo em nossa volta estava em silêncio, nem ao menos o vento se atrevia a quebra-lo. Como se a Terra houvesse parado em órbita para que os astros presenciassem e apreciassem aquele momento. Senti a sua respiração confundir-se com a minha...

— Ruan, eu... — não sabia o que fazer, qual caminho seguir: acreditar em suas palavras ou continuar fugindo de um amor verdadeiro?

Senti outra vez as dores na barriga, mais forte que outrora. Emiti involuntariamente um grito de dor, o chão desapareceu sob os meus pés. Ruan sustentou meu peso, gritando algo incompreensível.

Poucos segundos depois, várias mãos me

PERIGOSAS NACIONAIS

seguravam e fui levada para outro lugar, contra a minha vontade, no entanto, não conseguia dizer nada, apenas uma forte dor em meu ventre e o medo de perder o bebê. A única coisa que restara do grande amor da minha vida.



Uma luz forte sobre mim fazia meus olhos arderem. Estava deitada, com frio, mas as dores haviam sumido. Vozes ao longe me chamaram a atenção, então, levantei minha cabeça à procura de rostos conhecidos. Aviste pessoas vestidas de branco andando como num balé ensaiado por uma sala branca e fria.

PERIGOSAS ACHERON

— Jovem, vinte e dois anos, primeiro filho, trinta e cinco semanas de gestação... — ouvi a voz feminina falar sem qualquer emoção no tom de voz. — a bolsa estourou há meia hora, deu entrada na emergência com dores muito fortes. — prosseguiu.

— Dilatação? — perguntou uma voz masculina.

— Ainda não aumentou.

— Vamos induzir?

— Uma cesariana seria o mais indicado — respondeu outra voz masculina, a incerteza pode ser percebida no tom de voz. — A pressão da paciente está elevada, é necessário preservar a vida da mãe.

Pressão elevada? Vida da mãe? O que estava acontecendo? Parecia uma cena de reality show ou um seriado americano estilo Gray's Anatomy. Onde estava para onde haviam me levado?

— Oi, querida! Seu bebê já vai nascer, está bem? — o rosto de uma senhora com touca

colorida na cabeça se entrepôs entre mim e a grande luz branca.

— Não, deve ser engano. Ainda faltam cinco semanas para...

— Olá, mãezinha. — ouvi a voz masculina que fazia perguntas a minutos atrás. Virei à cabeça para vê-lo. — Sou o doutor Edwin e vou ajudar esse serzinho a vir ao mundo.

— Doutor, acho que está havendo algum engano, estou bem agora. As dores... — fui interrompida pela risada alta do homem.

— Relaxe, vai ficar tudo bem. O papai está terminando de se higienizar e logo estará ao seu lado.

— Papai?

— Olha ele aí!

— Olá doutor. Oi, Marina. — o cafajeste sentou-se ao lado da maca ao qual haviam me colocado, o sorriso encantador nos lábios, o que me deixara ainda mais nervosa.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei a ele ignorando os outros na sala.

— Querida, agora não é hora de continuarmos aquela conversa. O bebê vai... — dizia ele com voz dócil dissuadindo-me da iminente discussão no centro cirúrgico.

— Não, o bebê não vai nascer. Doutor quero ir embora, esse bebê não pode nascer hoje. Não com esse...

— Marina, escute. — chamou o doutor com voz terna procurando me acalmar e me fazer compreender a situação à minha frente. — A bolsa rompeu, você chegou aqui com contrações em intervalos curtíssimos. Não está com dor agora porque ministramos medicamentos para isso. Entendo que não está sendo como você sonhou, mas está sendo do jeito que o bebê quer e nós temos que respeitar.

Está bem?

Não havia outro jeito. Procurei apagar da memória os meses que vivi longe do Ruan, principalmente das mentiras que acreditei e das armadilhas em que caí.

Respirei fundo e, mentalmente, fiz uma breve oração para que meu filho ficasse bem. Um grande sorriso esboçou em meu rosto e não impedi as lágrimas escorrerem pela face.

Lágrimas de felicidade... Iria ser mãe!

Senti o afago de Ruan em meu rosto secando minhas lágrimas; nossos olhos se encontraram e pude voltar a sentir o amor que havia enterrado no peito. Em poucos minutos, o seu riso fácil soou junto ao choro estridente de nosso bebê. Fechei os olhos absorvendo todas as emoções daquele momento. Logo a enfermeira colocou um pequeno ser em meus braços. Um anjo, frágil e lindo com sua pele branca como a minha e os grandes olhos claros como os do pai.

- Nosso filho... Um menino, Ruan!
- Nunca mais vou deixa-la ir. Nunca mais, Marina.

A partir daquele momento inesquecível, não era apenas eu. Não era apenas nós dois. Éramos três. Minha vida iniciava naquele momento, numa fração de segundos e num choro de bebê... Estaria para sempre ao lado de Ruan e de nosso pequeno filho.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON